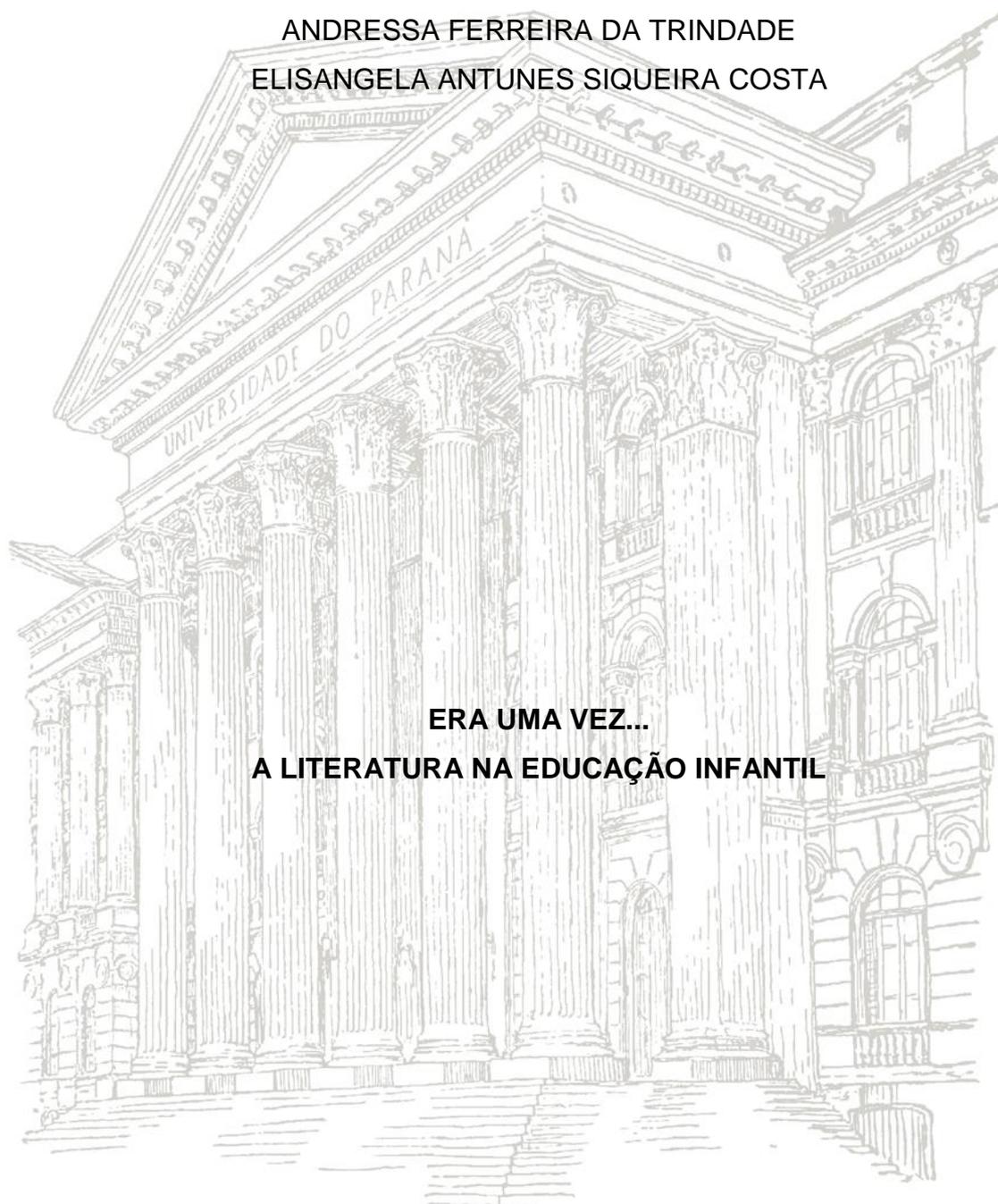


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRESSA FERREIRA DA TRINDADE  
ELISANGELA ANTUNES SIQUEIRA COSTA



**ERA UMA VEZ...**  
**A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CURITIBA

2013

ANDRESSA FERREIRA DA TRINDADE  
ELISANGELA ANTUNES SIQUEIRA COSTA

**ERA UMA VEZ...**  
**A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso superior de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial de obtenção de grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Catarina Moro.

CURITIBA  
2013

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ANDRESSA FERREIRA DA TRINDADE  
ELISANGELA ANTUNES SIQUEIRA COSTA

ERA UMA VEZ...  
A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso superior de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial de obtenção de grau de Pedagogo, pela seguinte banca examinadora:

---

Profª Drª Catarina Moro  
Universidade Federal do Paraná

---

Profª Drª Leziany Silveira Daniel  
Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 28 de novembro de 2013.

*A todos que compartilharam esse sonho comigo: Mãe, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e nunca deixando que eu desistisse; Pai, que não pode acompanhar meu sonho de perto, mas sei que sempre esteve comigo. Anderson e André por toda a ajuda que sempre me deram e por serem os melhores irmãos que eu poderia ter. Rodrigo por ser, além de marido, companheiro e amigo. Minha madrinha Bernaliz, segunda mãe e todos que me ajudaram de alguma forma nessa jornada. Obrigada pelo amor e dedicação de todos!*

*Com amor: Andressa.*

**Dedico este trabalho de conclusão de curso à  
minha família, principalmente aos meus pais,  
irmãs e irmão e ao meu marido, bem como  
amigos e amigas que, de várias maneiras, me  
apoiaram para que fosse possível a realização  
deste trabalho de conclusão de curso.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, pois sem Ele nada seria possível.

Minha mãe, Beatriz, por estar sempre comigo, em inúmeras situações, nos momentos que eu queria largar tudo, sempre me amou e dedicou-se ao máximo para que o meu sonho fosse possível. Você é tudo pra mim! Essa conquista também é sua!

Meu pai, Reynaldo, que não está entre nós, carnalmente, mas que sempre esteve comigo, pois sua presença é muito forte em minha vida.

Meus irmãos, Anderson e André, por serem tão importantes pra mim, me ajudarem quando precisei, e muitas vezes fazendo além do que podiam! Amo muito vocês.

Meu marido Rodrigo, por estar ao meu lado, apoiar e compreender meus momentos de ausência durante minha trajetória acadêmica. Te amo.

Meus familiares, que por inúmeras vezes deixei de estar ao lado para dedicar-me aos estudos.

Aos amigos, por estarem dispostos a me ajudar, principalmente para Fernanda, Debora, Camila, Aline e Elis, que me acolheram com muito carinho!

As minhas colegas de trabalho, que, de alguma forma, me ajudaram.

Agradeço também minha orientadora Catarina Moro, pelos momentos de conhecimento e por sempre acreditar em nós.

E não poderia deixar de agradecer minha colega de TCC Elisangela. Foi muito bom fazer essa parceria com você, as madrugadas em claro valeram a pena!

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de realizar mais um sonho em minha vida. À minha família e amigos por me ajudarem quando necessário e por me entenderem quando não pude dar-lhes a atenção merecida, bem como aos professores, pelo apoio.

Agradeço especialmente à minha mãe, razão da minha vida, e ao meu pai também, por todo amor recebido, os dois são meu porto seguro, me amparando nas horas difíceis e estando sempre comigo.

Às minhas irmãs, Eliane, pela sabedoria, e Elizandra pelo carinho, elas que sempre vibraram pelas minhas escolhas, que sempre estiveram presentes na minha vida e, aos meus cunhados, Robson e Osniel pela gentileza. Ao meu irmão Elian pela luz, pela alegria e simplesmente por existir. É a joia preciosa da família.

Ao meu marido, por todo amor, carinho e companheirismo, por aplaudir meus pequenos sucessos, fazendo-os se tornarem grandes, pelo reconhecimento e incentivo, enfim, por estar comigo na “alegria e na tristeza” e entender as noites que passei em claro escrevendo, ajudando-me nas tarefas.

Às minhas amigas, especialmente Aline, Fernanda, Débora e Camila por ouvirem todas as confissões sobre este trabalho e simplesmente pela companhia maravilhosa e, em especial, minha colega de TCC, pelas madrugadas, e-mails, enfim, pelo tempo dedicado a esta importantíssima etapa, quase vencida e pela amizade fortalecida.

E por fim, à minha professora orientadora, Catarina Moro, pelas orientações, paciência e confiança, transmitindo mais um pouco de conhecimento para minha vida acadêmica.

*Leite, leitura  
letras, literatura,  
tudo o que passa,  
tudo o que dura  
tudo o que duramente passa  
tudo o que passageiramente dura  
tudo,tudo,tudo  
não passa de caricatura  
de você, minha amargura  
de ver que viver não tem cura  
Paulo Leminski*

## RESUMO

O tema desse trabalho de conclusão de curso refere-se à literatura infantil, incluindo a leitura e contação de histórias presentes na educação infantil. A pesquisa tem como objetivo mostrar, através de pesquisa de campo e referenciais teóricos, como a contação de histórias e leitura fazem parte do cotidiano de crianças de 3 a 5 anos, de uma determinada instituição de educação infantil, e como contribuem para o desenvolvimento dessas crianças. Foram tomados como referência questionários aplicados a um grupo de educadoras e pedagogas e observação de momentos de leitura e contação de histórias. Os dados colhidos através desses instrumentos mostram a preocupação das educadoras em proporcionar uma formação de maior qualidade às suas crianças, tentando oportunizar o contato com os livros e universo da literatura infantil, estimulando o seu imaginário, crescimento cognitivo e criativo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Literatura; Literatura Infantil; Literatura na Educação Infantil; Leitura; Contação de Histórias.

## **ABSTRACT**

The theme of this work of completion refers to children's literature, including reading and storytelling in children's education. The research aims to show, through field research and theoretical frameworks, such as storytelling and reading are part of everyday life for children 3-5 years old, from an institution of early childhood education, and how they contribute to the development of these children. Were taken as reference questionnaires applied to a group of educators and pedagogues and watching moments of reading and storytelling. The data collected through these instruments show the concern of educators to provide a higher quality education to their children, trying to provide the opportunity for contact with the world of books and children's literature, stimulating your imagination, creative and cognitive growth

Key words: Childhood Education, Literature, Literature in Early Childhood Education; Reading; Storytelling Children's Literature.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	14
2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA .....	14
2.1.1 Literatura infantil no mundo: o que ficou marcado .....	15
2.1.2 Literatura Brasileira: informações relevantes .....	17
2.2 LITERATURA INFANTIL: LEITURA E CONTAÇÃO .....	21
2.2.1 Leitura .....	22
2.2.2 Contação .....	23
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL.....	24
2.4 PAPEL MEDIADOR DO EDUCADOR/RELAÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO...29	
<b>3 A PESQUISA</b> .....	32
3.1 METODOLOGIA .....	32
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DA COMUNIDADE ESCOLAR .....	33
3.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS .....	39
3.4 PERFIL DO EDUCADOR .....	50
3.5 O ACERVO LITERÁRIO .....	52
3.6 CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE .....	54
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64
<b>APÊNDICES</b> .....	68
<b>ANEXOS</b> .....	81

## 1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma etapa de fundamental importância na vida da criança. O crescimento, desenvolvimento e aprendizagem da criança se dão nos contextos familiar e educativo.

A criança começa a compreender a realidade através do imaginário, sendo assim, desenvolver essa capacidade permite que compreenda melhor o mundo. Quando tem contato com os livros, histórias, imagens, ela cria o seu próprio mundo, e compreende o mundo que a cerca. Assim como ressalta Abramovich (1997):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! **É ATRAVÉS DUMA HISTÓRIA QUE SE PODEM DESCOBRIR OUTROS LUGARES,** outros tempos, outro jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...(ABRAMOVICH, 1997, p.17, grifos da autora.)

Pudemos perceber, ao longo do tempo, que muitos profissionais da área da educação não conseguem explorar, de maneira satisfatória, as histórias que leem e contam para as crianças, fazendo com que esse momento não seja tão significativo como deveria ser. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998):

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e apropriando espaços e situações de aprendizagem que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento. (BRASIL, 1998, p.30)

O professor, enquanto mediador do conhecimento, deve proporcionar à criança diversas formas de se apropriar dele. E nesse sentido, as histórias serão o objeto de conhecimento, cabendo ao professor mediar esse contato de forma prazerosa e significativa, pois, é através das histórias que as crianças terão um contato maior com o mundo da escrita, tornando o momento de contato com a literatura essencial na sua formação, pois será nele que a construção pelo gosto da será realizada e essa prática se tornará prazerosa para ela.

A escola precisa auxiliar no desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da compreensão do mundo, e da interpretação do sujeito e também ajudar no processo de letramento dele. Esse contato que as crianças têm com os livros, com a leitura e com a contação de histórias proporciona uma relação com o desenvolvimento da linguagem escrita. A criança toma conhecimento de textos, da escrita como forma de expressão, pois os livros se comunicam com ela, passam uma mensagem que ela consegue compreender, isso aguça a sua curiosidade buscando sempre estar em contato com esse universo extraordinário da leitura e da contação de histórias.

Sendo assim, pesquisamos a Literatura Infantil (leitura e contação de Histórias), observamos e questionamos a prática pedagógica, com base em autores que escrevem sobre a Literatura, no sentido de ter um mapeamento das atividades literárias realizadas dentro de uma instituição de educação infantil, podendo, dessa forma, analisá-las, possibilitando, a partir do conhecimento da realidade, problematizando a prática docente, no sentido de transformá-la e ressignificá-la.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DA LITERATURA

Contar histórias, ou melhor, contar a história das histórias exige um conhecimento do passado, seja através de alguém que tenha vivenciado o que queremos transmitir ou por meio de estudos e pesquisas em fontes históricas sobre ele. Como diz Botelho (2011)

Escrever história da Literatura implica uma maneira de perceber e ordenar o tempo que está marcado pela busca e recuperação do passado, de modo a reordená-lo simbolicamente em face do presente e não apenas segundo um sentido de ruptura, mas, sobretudo, de continuidade. (p. 02)

A literatura existe desde os tempos mais remotos, ela é uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade, mas não na forma como conhecemos. A literatura, antes de ser escrita, era transmitida oralmente, por ainda não existir esse sistema. Sua origem vem dos gestos e movimentos naturais do ser humano para expressar emoções e sentimentos, ou seja, ela era, primeiramente, contada por ainda não existir o sistema de escrita mencionado acima. Após esta descoberta, passou a ser lida e retratada através de imagens, sendo que uma forma não substituiu a outra, mas sim se complementaram e continuam até os dias atuais, conforme retrata Nelly Novaes Coelho (1981), no seu livro “A Literatura Infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)”, “Literatura oral ou Literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados”, portanto vem sendo transmitida de geração a geração. (COELHO, 1981, p. 04).

Desde que as pinturas rupestres da Gruta de Altamira (das primeiras a serem descobertas) até as gravuras e signos da rocha de Valcamonica, pequeno vale dos Alpes Italianos (descobertas em fins do século, mas só a partir de 1956, estudadas, sistematicamente), o que temos é o registro durável de uma forma de ler o mundo. Um mundo que se revela através de uma experiência que deseja se comunicar aos outros. (COELHO, 1981, p. 04)

Afinal, o que é literatura? Para os leigos, ela é uma utopia irrelevante, mas, para os estudiosos desse campo, contribui para a formação integral do ser humano, seja como entretenimento ou como forma de expressão, pois “é uma linguagem específica que, como toda linguagem específica, expressa uma determinada experiência humana” (COELHO, 1981, p.17) e para cada fase de desenvolvimento do indivíduo há uma literatura recomendada, pois elas possuem características distintas, conforme afirma Coelho (1981).

### 2.1.1 Literatura Infantil no mundo: o que ficou marcado

Até o século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, tendo vestimentas, atividades, ensinamentos, responsabilidades de um pequeno adulto. A partir do século XVIII, essa concepção mudou e as pessoas perceberam que as crianças eram seres diferentes dos adultos, com necessidades diferentes, foi a partir dessa percepção, que tudo o que era direcionado para as crianças foi revisto e adaptado, ou seja,

Da concepção da criança como ser ignorada, acedem-se à sua percepção enquanto pessoas com as suas peculiaridades, enquanto ser pensante e ativo intelectualmente, bem como um ser sensível aos diferentes estádios do seu desenvolvimento e maturação. (MOURATO, 2009, p. 05)

A literatura infantil, propriamente dita, surgiu de uma literatura, primeiramente, destinada aos adultos e, por seu caráter que instigava a fantasia e imaginação, características predominantes na infância, acabou sendo destinada ao público pueril. Era uma literatura também fantasista como demonstra COELHO (1981) ao escrever que ela

(...)foi a forma privilegiada da literatura infantil, desde os seus primórdios (séc. XVII), até a entrada do Romantismo, quando o “maravilhoso” dos contos populares é definitivamente incorporado ao seu acervo (pelo trabalho de Tieck e dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca; Pushkine, na Rússia ou Garret e Herculano, em Portugal...). Entretanto, a necessidade de mostrar a nova *verdade* conquistada pela Sociedade romântico burguesa, gera uma nova literatura para crianças, centrada no *realismo cotidiano* (literatura de aventuras em terras desconhecidas ou exóticas; literatura de costumes ou literatura exemplar, como a de W. Scott, F. Copper, Condessa de Ségur, etc. ). (p. 32)

A visão que se tinha da literatura infantil era a de função moralizadora e socializadora dos pequenos. Eles eram instruídos a partir das histórias que lhes eram contadas, que aprendiam nas escolas ou que liam para eles. Charles Perrault traz essa moralidade em suas histórias em 1697. Histórias como “contos da mãe Gansa” mostram os valores que são necessários a criança ter para que cresça uma pessoa de caráter, na concepção daquela época. As histórias que escrevia eram transformações das histórias sanguinárias, incestuosas e canibalistas, para histórias moralmente aceitas para crianças.

Porém o fantástico e o maravilhoso são ainda presenças constantes na literatura para crianças e continuam fortes e à frente dos outros elementos para esta área do conhecimento, desde a sua origem até os dias hoje, sendo os principais requisitos da arte literária infantil.

Portanto, o “maravilhoso” sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhe proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente ou pré-consciente e, ali atuando, ajudam-nas a, pouco e pouco, resolverem seus conflitos interiores normais. (COELHO, 1981, p. 33)

Antigamente, a literatura em geral era uma arte com as características predominantes nos escritos atuais para crianças, conforme retrata Coelho (1981):

Tanto é assim que, em seus primórdios, a Literatura foi essencialmente fantástica. Na infância da humanidade, quando ainda lhe era inacessível o conhecimento científico dos fenômenos da vida natural ou humana, e as causas e princípios das coisas que eram inexplicáveis pela lógica, era o *pensamento mágico* ou *mítico* que dominava. Ele está presente na imaginação que criou a primeira literatura que conhecemos: a dos mitos, lendas, sagas, cantos rituais, contos maravilhosos, novelas de cavalaria, etc. A essa fase mágica, e já revelando preocupação de crítica às relações humanas ao nível do social, correspondem as fábulas. Nelas a imaginação transfere para os animais os vícios e virtudes que eram característicos dos homens. Compreende-se, pois, porque essa literatura arcaica acabou se transformando em Literatura Infantil: a natureza mágica de sua matéria atrai espontaneamente as crianças. (COELHO, 1981, p. 33)

Assim, o sentimento e a imaginação que as histórias proporcionam atendem as necessidades das características da fase infantil do ser humano, bem como a capacidade de transportar de um momento, vivência ou lugar para outro, contribuindo para o crescimento pessoal do indivíduo.

### 2.1.2 Literatura Brasileira: informações relevantes

Os primeiros indícios da Literatura no Brasil, encontrados nos escritos de Nóbrega e Anchieta, de acordo com Chaves (2009), ocorreram com a chegada dos jesuítas no século XVI – literatura colonial - onde escreviam sobre as características físicas do país, suas belezas naturais, fascinados com as novidades da cultura indígena e o sentimento nativista era evidente.

No século XVII, conforme Chaves (2009), temos a sátira, uma literatura preocupada em criticar a realidade vivida, as influências recebidas e toda bagagem cultural dos imigrantes, que, de uma maneira ou de outra, passaram um pouco da sua história para os costumes brasileiros.

A sensação de liberdade e o sentimento de independência presentes na expressão linguística dos autores do século XVIII e descritos por Chaves (2009) mostram o desejo de constituir-se como um grupo, onde vários poetas escrevem em seus poemas sobre a existência de uma cultura própria e exaltavam o nacionalismo.

Já José de Alencar, no século XIX, ainda de acordo com Chaves (2009), contrastando com o século anterior, começa a produzir romances que idealizavam o Brasil, bem como sua diversidade cultural dando início a um processo de emancipação e independência.

Porém, a literatura, apesar de ter uma identidade de cada época, não deixou de receber influências externas devido à própria característica do país, de ser um povo miscigenado que, direta e/ou indiretamente, em sua expressão, até mesmo na escrita, transmite suas experiências com as diversas culturas vivenciadas.

Portanto, como afirma Veríssimo (1954), a literatura brasileira foi, por muito tempo, uma imitação atrasada da literatura em outros países, onde as novidades eram copiadas posteriormente. Somente a partir do século XVIII, é que começa a iniciar-se timidamente, para estender-se depois, uma identidade própria, distinguindo-se a literatura brasileira das influências estrangeiras, com menos indícios da literatura portuguesa, americana, europeia ou oriental.

Até este momento, ainda não existia uma Literatura própria, específica para as crianças. Foi na última década deste século, que começou a se formar uma pequena raiz da Literatura Infantil com traduções de livros europeus para o

português. Então, assim, o país pode ter contato com contos de fadas e escritos que traziam a imagem e/ou a ideologia ao “heroísmo, o nacionalismo, a devoção e ao sentimento filial, incluindo a evolução da natureza rica, bela e opulenta.” (CHAVES, 2009, p. 517), os contos maravilhosos, conforme a nomenclatura escrita por Coelho (1981). Também, na sequência, “há uma produção de livros para crianças visando uma concepção de criança e de educação” (CHAVES, 2009, p. 518), ou seja, há a preocupação com uma educação que, naquela época, acreditava-se ser a correta, com discursos moralizantes e com o objetivo de manipular a criança de acordo com uma determinada ideologia.

Chaves (2009) prossegue e acrescenta que, no século XX temos uma literatura própria, com Monteiro Lobato como o grande marco da transformação, com uma linguagem pensada especificamente para a criança, embasada na originalidade, criatividade e o despertar da curiosidade, características próprias dessa faixa etária e temas que enfatizam as diversas experiências e sentimentos vividos pelas crianças no cotidiano e no decorrer da infância como família, morte, amor, convivência, com personagens atraentes e uma linguagem próxima da fala usual da criança.

Como vimos, a literatura infantil brasileira, antes com influências externas, começa a ter um caráter nacional, com características próprias da nação, com Monteiro Lobato escrevendo sobre o folclore.

No Brasil, a literatura infantil teve início também com obras predominantemente europeias, com representações bastante diferentes das vivências do leitor nacional. Monteiro Lobato inicia então uma produção para a infância focada nas raízes locais e no contemporâneo. (SOMMER, 2009, p. 06)

Essa arte literária é importante por aguçar a fantasia, imaginação, criatividade e priorizarem a ludicidade, pontos extremamente importantes para o desenvolvimento da criança dessa idade, propiciando atividades que enfatizem estes aspectos através das atividades literárias, pois são “o meio ideal para auxiliá-las não só a desenvolver suas potencialidades naturais, como também auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta” (COELHO, 1981, p.22) e também uma forma de aprendizagem se for direcionada corretamente, ou seja, é imprescindível que exista uma orientação para

que se possam significar as experiências da Literatura, de modo que possibilitem a transformação da realidade que configura o conhecimento.

Para Cademartori:

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome.  
(CADEMARTORI, 1991, p.43)

Assim, a literatura manteve-se tímida até a explosão de autores que ocorreu em meados dos anos 70, expandindo-se para os anos 80 e, podemos dizer que, dura até hoje.

Essa explosão trouxe obras inovadoras e ousadas, para os padrões que costumava-se a ter até então, “as forças estimulam os criadores a preparar as novas gerações para a estruturação/construção de um novo mundo; e não, para um Sistema já estruturado em suas bases (...)” (COELHO, 1985, p. 214). Assim, diversos autores surgiram:

Nos anos 70: **Ana Maria Machado; André Carvalho; Ary Quintella; Bartolomeu Campos de Queirós; Carlos Marigny; Dirceu Quintanilha; Domingos Pellegrini; Edson Gabriel Garcia; Edy Lima; Euclides Marques de Andrade; Everaldo Moreira Veras; Eliane Ganem; Elias José; Fernanda Lopes de Almeida; Ganymedes José; Giselda Laporta Nicolelis; Henry Correa de Araújo; Haroldo Bruno; Ignácio Loyola Brandão; Joel Rufino do Santos; João Carlos Marinho; Leny Werneck; Lurdes Gonçalves; Lúcia P. Sampaio Góes; Lúcia Aizim; Luiz Paiva de Castro; Lúcia Minners; Lygia Bojunga Nunes; Margarida Ottoni; Marta Azevedo Pannunzio; Moacir C. Lopes; Ruth Rocha; Sérgio Caparelli; Stella Carr; Patrícia Gwinner; Wander Piroli; Werner Zotz...**  
(COELHO, 1985, p. 214)

Muitos desses autores ainda influenciam muito a literatura contemporânea. Nos anos 80 temos os seguintes autores:

Aparecem no início dos anos 80: **Amaury Braga da Silva; Ângela Lago; Assis Brasil; Antônio Hohlfeldt; Carlos Moraes; Doc Comparato; Elza César Sallouti; Eva Furnari; Libério Neves; Lourenço Diaféria; Lais Carr Ribeiro; Laís Correa Pinto, Luís Galdino; Luís Puntel; Luís Camargo; Marina Colassanti, Paula Saldanha; Santuza Abras Pinto Coelho; Sylvia Ortoff; Ricardo Azevedo; Roniwalter Jatobá...**  
(COELHO, 1985, p. 215)

Seguindo o exemplo dos escritores que surgiram nos anos 70, muitos dos autores dos anos 80 são consagrados até hoje, onde continuam a escrever para o público infantil.

A literatura infantil sempre teve uma busca pela sua identidade. Escritos que começaram sendo releituras de histórias estrangeiras, passaram pelo folclore e retratação da cultura brasileira, e ainda foi marcado pela explosão de criatividade nos anos 70 traz:

As reflexões até agora sugeridas pela literatura infantil contemporânea apontam para a consolidação do gênero: bem visível na perspectiva concreta da produção e consumo das obras para crianças, manifesta-se também no plano interno, isto é, nas formas e conteúdos destes livros. No entanto, nem a documentação crítica da realidade contemporânea brasileira, nem a absorção muitas vezes criativa de elementos da cultura de massa, nem mesmo o esforço de renovação poética dão conta de todas as faces assumidas pela atual produção literária infantil brasileira. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 153)

As obras encontradas hoje sobre a literatura infantil possuem diversos gêneros textuais. Os autores exploram todas as possibilidades criando histórias que possam chamar a atenção do seu público. Mas muitos escritores perdem o seu foco, que seria o de divertir as crianças, criar um mundo imaginário, uma arte literária não estritamente vinculada à educação:

A literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético. (COUTINHO apud SILVA, 2009, p. 140)

Se pensarmos por esse lado, caímos em um assunto que muitos defensores da literatura infantil abominam, que é a sua escolarização, transformando histórias em metodologias de ensino.

Quanto maior as vendas de um determinado autor, melhor serão para as editoras, e os grandes clientes das editoras são as escolas, que cada vez mais buscam contos que possam aliar a diversão com conteúdos pedagógicos. Soares (1999) diz que a escolarização da literatura de forma errônea

(...)se traduz em sua deturpação falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou de uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

(SOARES, 1999, p. 21)

## 2.2 LITERATURA INFANTIL: LEITURA E CONTAÇÃO

A arte literária infantil, reconhecida como uma área do conhecimento específica para esta etapa da vida, com um destinatário definido, na qual a seletividade do público pode servir como parâmetro para a escolha do conteúdo dos livros, é ainda recente na história da literatura.

A literatura infantil e juvenil constitui-se uma área legítima de estudos nos últimos 20 anos. Neste período as diferentes disciplinas do seu quadro de referência – Psicologia, teoria literária, sociologia, didática, etc. – realizaram importantes avanços teóricos que oferecem a possibilidade de utilizar métodos de análise dos livros infantis. (MOURATO, 2009, p. 06)

Sendo assim, podemos afirmar que ela não é uma literatura de menor importância e/ou qualidade, como alguns leigos acreditam, conforme fica explícito nos escritos de COELHO (1981):

Ligada desde a origem à *diversão* ou ao *aprendizado* das crianças, a Literatura Infantil tem sido vista pelo adulto como algo “pueril” (nivelada ao brinquedo) ou como algo útil (nivelada ao ensino ou a uma atividade que mantém a criança quieta). Minimizada como *criação literária*, tem sido tratada pelo pensamento culto como um gênero menor. (p. 16)

Mas sim, como todas as outras literaturas, para todas as idades, a estética e beleza artística, bem como o rigor com o conteúdo não mudam, mas sim, o que muda é o direcionamento, ou seja, uma literatura específica para a idade, com características distintas, sendo uma arte “múltipla, enriquecedora, geradora de sentidos, capaz de ativar o extratexto de um leitor” (MOURATO, 2009, p. 06), pois a literatura só fará parte da vida da criança, se, de alguma forma, o contato com os livros for instigante, despertar a sua curiosidade, se ela conseguir atribuir um significado ao que é lido e/ou contado, de modo que possa ter lembrança de como aquela história a tocou.

A leitura e a contação são ações importantíssimas na iniciação à leitura pelas crianças. Sendo a porta de entrada para que as crianças possam gostar de ler

ou queiram ler na Educação Infantil, mas este processo realiza-se em conjunto, um complementa o outro.

Enfim, a Literatura não pode ter uma verdade única, estática e imutável, mas sim favorecer a liberdade e pluralidade interpretativa, onde a criança possa fruir, aproveitar o livro, seja ele lido ou contado.

### 2.2.1 Leitura

Não se pode ler uma história de qualquer maneira: a leitura em voz alta, a escolha competente e ampla dos textos e dos autores não podem faltar, diz Marina Manferrari (2011). A Leitura depende da voz do adulto, de sua entonação e expressão corporal. Na leitura devemos seguir o que está escrito de uma maneira mais restrita, não podendo mudar as palavras do autor.

Conforme ABRAMOVICH (1989) qualquer história é possível de ser lida, desde que seja do conhecimento do professor,

(...)e para que isso ocorra é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1989, p. 21)

Sabendo evitar as descrições longas e detalhistas, bem como usar a voz, mostrando as páginas do livro, pois ao ouvir histórias bem contadas, a criança está sendo estimulada a desenvolver outras áreas pedagógicas. Enfim construirá dentro de si a paixão pela Literatura, bem como a criticidade, onde ela começará a questionar a si mesmo, aos outros e ao seu redor, no ambiente em que vive. Para isso ela precisa ter voz, mostrar sua opinião quanto à história, de modo que se sinta envolvida e isso dependerá da relação do adulto com a criança, como defende Manferrari (2011)

(...)a escolha das palavras, do volume, do tom; a alternância dos ritmos, lentos, insistentes; as acelerações, as pausas; o cuidado com os gestos, a eficácia dos olhares; a repetição e a previsibilidade ou a surpresa e o engano...são todos instrumentos para criar aquele lugar de encontro feito de conexões entre quem conta e quem escuta, onde o que importa é a

presença e a vontade de uma comunicação verdadeira, capaz de suscitar um espaço de escuta comum.  
(MANFERRARI, 2011, P.52)

Ainda de acordo com Manferrari (2011), a literatura infantil precisa transmitir uma mensagem formadora que propicie a descoberta e, quando bem realizada, estabeleça um laço entre discente e docente, redescobrando a criança que há no adulto, pois é uma “forma de interpretar o que nos acontece” (p. 56), não sendo punitiva ou imposta, mas sim com os objetivos de despertar a curiosidade e estimular o desenvolvimento da linguagem, elementos da aprendizagem, bem como “estimular sua imaginação, intensificar suas emoções, alargar suas mentes” (p. 62).

### 2.2.2 Contação

A contação de histórias tem, atualmente, uma função diferenciada do passado, onde os mais antigos contavam histórias para os mais novos, no sentido de transmitir suas vivências, experiências e de outros, ou seja, “no passado, os contadores eram os responsáveis por transmitir a história e a cultura do seu povo aos mais novos. Hoje, o contador não se encontra mais imbuído dessa função. Sua responsabilidade está mais voltada para o divertimento” (SOMMER, 2009, p. 06).

A contação possui alguns diferenciais da leitura. Embora ambas sejam lúdicas, e propícias ao divertimento, o ato de contar histórias exige um leque maior de ferramentas como cenários, trabalho com a expressão corporal e suportes como material, etc., ou seja, na contação de histórias podemos usar recursos diferenciados (materiais como fantasias, fantoches), mudando a expressão facial e corporal, bem como a voz, de acordo com cada contação, dramatizando e interpretando a história de maneiras diferentes, de acordo com a criatividade de cada um.

Quanto aos benefícios que esta arte pode trazer ao desenvolvimento da criança temos, desde a função como entretenimento, como a imersão do destinatário em uma história contagiante, como coloca Sommer (2009)

O trabalho do contador pode ir muito além da diversão. (...) a contação pode provocar, mesmo que discretamente, a busca por leitura prazerosa, isso

sem desconsiderar a importância do lúdico que essa atividade representa e as dificuldades em recuperar uma função importantíssima da língua - a leitura - sobretudo em seu caráter plural e dialógico, um poderoso instrumento no processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo. A formação de leitores emerge como prioridade e como um grande desafio da Educação. (p. 06)

Recapitulando, a contação pode contar com o auxílio de materiais, elementos que auxiliam e dão ênfase ao caráter lúdico da Literatura.

Sendo assim, ela é a arte literária mais privilegiada, artisticamente, para o desenvolvimento infantil por abrir um leque maior de opções de realizações e ser uma atividade que amplia a imaginação, não significando, assim que tenha maior ou menor importância na área pedagógica.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

A criança está envolvida em um mundo fantástico e maravilhoso, de acordo com Pontes e Azevedo (2008), é o lugar/momento nos quais participa e tem as características de um indivíduo sonhador, que gosta de brincar, uma pessoa curiosa por natureza que, ao modificar o ambiente, está na verdade, descobrindo, inventando e reinventando.

Por este motivo, a leitura e contação infantis são cheias de fantasias, proporcionando a imaginação, podemos dizer que há até um pouco de suspense na literatura, propiciando a descoberta. Por ser uma forma de expressão lúdica, cheia de cenários, imagens escritas e de forma atraente, proporciona a sedução, forma de contato/comunicação que envolve o mundo infantil, trazendo o encantamento tão característico desta faixa etária.

Sendo assim, é uma forma prazerosa de formar leitores, pois vivemos no mundo da diversidade artística e a literatura é uma porta de entrada para a formação da mentalidade. O processo de ler é uma ação conscientizadora capaz de conduzir a uma educação integral em todos os aspectos sejam eles biológicos, físicos, psicológicos ou sociais do ser em formação, onde o homem se torna capaz de conhecer a si mesmo e controlar seu comportamento.

A criança dos 3 aos 5 anos está na fase dos questionamentos, de querer saber sempre o porquê das coisas, onde os sentidos e sentimentos estão mais aguçados para as problemática à sua volta.

A sensibilidade dela precisa ser despertada, pois nessa idade, ela é muito emotiva e propiciando-lhe uma experiência interessante e cativante, com certeza estaremos proporcionando-lhe momentos de interesse, motivando a reflexão, o contato com o seu interior, com o outro, a vida, o ambiente que lhe cerca e, conseqüentemente, participando do processo de aprendizagem da mesma, pois, ao conseguir-se relacionar, refletir e criticar o mundo ao seu redor, a criança estará desenvolvendo a capacidade transformadora.

É nessa fase que se inicia para a criança a luta pela defesa de sua vontade e desejo de independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos. É quando inconscientemente, a criança tenta construir sua própria imagem ou identidade e se depara com os muitos estímulos ou interdições aos seus impulsos, etc., etc.  
(COELHO, 1981, p. 33)

A Literatura também traz a possibilidade da criança poder trocar de lugar, colocar-se no lugar do outro, sentir emoções distintas, participar de experiências nunca antes vivenciadas, pois é característica dessa idade, a fantasia em detrimento da realidade, característica fundamental para despertar da curiosidade e capacidade de criação, desde que encontre sentido nas leituras que perpassam pela sua trajetória educativa. Ao imaginar, a criança consegue ordenar suas ideias, inventar suposições, inovar e, conseqüentemente, achar uma solução para determinado conflito, pois:

A criança aprende quando o seu interesse é suscitado afectivamente pelos problemas motivando-as a estar em contacto consigo, com os outros e com o mundo. A criança precisa que lhe dêem a possibilidade de se compreender a si própria e ao seu lugar no mundo. Através do faz-de-conta a criança experimenta-se a si mesma, vive a sua imaginação, os seus sonhos, as suas fantasias e até os seus medos, provando a si própria as suas capacidades de transformação, imaginando outras situações ou imaginando-se noutras situações, tornando-se encenadora das suas próprias histórias. (MOURATO, 2009, p. 02)

Portanto, é o momento em que as histórias passam a ser mais difíceis. É bom contar histórias com um maior leque de palavras, com falas simples e de fácil interpretação. Ela ainda se assusta facilmente, uma vez que não difere ainda completamente realidade e imaginação. É necessário tomar cuidado com o tom da

fala e os fatos mais diferentes da realidade. Também é normal a visualização de todas as figuras e a criação da própria narrativa, a partir da lógica que consta no livro, sem ficar preso nas letras/palavras/textos.

Trabalhar todos esses quesitos na Literatura é uma forma de ajudar a criança a superar seus medos, angústias e interrogações, ajudando-a no seu desenvolvimento físico, psicológico e social.

De acordo com Carregosa (2012), a literatura infantil é uma arte muito significativa para a criança. Por seu caráter lúdico, já citado por outros autores neste trabalho, pode ser uma fonte de aprendizagem para a mesma, auxiliando no seu desenvolvimento. É capaz de proporcionar momentos únicos, aflorar a sensibilidade, ser carregada de emoções, além da atribuição de um sentido para as ocorrências do cotidiano da criança e, principalmente, pela possibilidade de despertar o gosto pela leitura. A partir da imaginação, presentes nas histórias infantis, a criança consegue começar a compreender a realidade, encontrando significado para os conflitos interiores, aprendendo a resolver seus problemas através da suposição de acontecimentos na literatura e, portanto, vai se desenvolvendo e desenvolvendo a ação criadora, formando sua própria personalidade.

Para além do encantamento, envolvimento e sonhos provocados a partir dos contos de fadas, suas belíssimas e clássicas histórias possuem a faculdade de contribuir para o desenvolvimento da personalidade, uma vez que, de forma inconsciente e, portanto, ausente de intencionalidade, ajudam na superação do medo, da insegurança, no fortalecimento do equilíbrio, na preparação para a maturidade, para as relações amorosas e sexuais, no encontro com o outro e, principalmente, na descoberta do próprio eu. (CARREGOSA, 2012, p. 02)

Ainda de acordo com Carregosa (2012), nas histórias, as crianças têm a possibilidade de experimentar o desconhecido e ainda intervir, mudando o rumo dos acontecimentos, pois a curiosidade é uma característica quase que predominante nesta idade e, somente, ao poder fantasiar sobre o novo, o proibido, o atrativo, é que ela se dará por satisfeita. Além disso, as histórias permitem o desenvolvimento da capacidade de resolução de conflitos, do controle do medo, enfrentamento dos perigos, pois, no decorrer da vida, elas irão passar por diversas fases que necessitarão de um suporte emocional para superá-las, como morte, separação, convivência, idade, etc. e, com este embasamento, terão a maturidade suficiente para solucioná-los.

Nas histórias a criança consegue dar sentido ao mundo à sua volta e a si mesmo. O livro

Permanece como veículo primordial para esse diálogo com o leitor. Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos. (...) Os livros podem ser comparados aos retalhos e tijolos que vão construir a formação da criança, podem abrir muitas portas, melhorando o processo ensino-aprendizagem, abrindo caminhos, podem ser muitas coisas na fantasia infantil. (MARTINS, 2012, p. 471)

Sendo assim este rico material não pode faltar na vida da criança, pois é a abertura para o mundo da realidade.

A literatura é uma arte e, como toda arte, envolve a capacidade de criar, inventar, a liberdade de romper barreiras, descobrir potencialidades e despertar a sensibilidade, enfatizando a estética, resgatando valores, “aflorando os sentimentos contidos no mais íntimo do ser” (CARREGOSA, 2012, p. 07), pois “os elementos que estabelecem a arte – a invenção, a interpretação, a liberdade – são as mesmas que permeiam a infância e, por esse motivo, a criança está muito perto da arte.” (CALDIN, 2002, p. 20)

É uma arte literária que tem a possibilidade de ser realizada de forma prazerosa, instigante e atrativa para a criança, sendo, assim, “um componente indispensável à vida, uma descoberta e uma curiosidade que nunca se esgota.” (CARREGOSA, 2012, p. 11)

A Literatura, além de arte, pode ser também usada para fins pedagógicos, dependendo do contexto na qual está inserida. Ao ser usada para entretenimento e diversão está sendo considerada uma arte (intenção artística) e ao ter a intervenção mediadora do educador está adquirindo um caráter pedagógico (intenção educativa), o que não significa que as duas não possam andar juntas, sendo educativa e, ao mesmo tempo, divertida, conforme relata COELHO (1981)

Podemos dizer que, como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da Pedagogia. (p. 24)

ou seja, uma “literatura para divertir, dar prazer, emocionar...e que, ao mesmo tempo, ensina novos modos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar...” (COELHO, 1981, p. 26)

No sentido pedagógico “é um dos caminhos para aprender a aprender, para descobrir os mistérios e os encantos da vida” (CALDIN, 2002, p. 20), pois promove a “atividade de aprender a interpretar a realidade e isso é educação.” (CARREGOSA, 2012, p. 13)

É no mundo da leitura e da contação que podemos fomentar a aprendizagem da criança, pois “constroem-se brincadeiras, cenários, dramatizações, pesquisas, conversas, jogos, atividades gráficas, propostas totalmente envoltas pelo fantástico mundo da imaginação e do faz de conta.” (CARREGOSA, 2012, p. 13)

A grande possibilidade do desenvolvimento das potencialidades da criança através da literatura infantil contribui para a formação dos leitores e para a aprendizagem significativa dela, conclui Carregosa (2012).

A literatura pode ter uma função pedagógica sem perder sua função lúdica, “a ilustração desempenha também uma função pedagógica na medida em que confere veracidade à narração, condiciona o entendimento da intriga e fornece modelos comportamentais.” (CALDIN, 2002, p. 21)

A literatura, conforme Martins (2012), tem um poder e importância eminente na educação da criança, ela forma o pensamento, além de entreter e divertir, também educa, favorecendo a compreensão, faz parte da cultura e precisa ser disponibilizada para a criança, para que ela compreenda, ressignifique e construa sua própria identidade, além de fomentar a criação de indivíduos leitores.

Com isso, a literatura pode contribuir para a comunicação em artes e manutenção de busca pessoal e/ou coletiva ampliando e valorizando o conhecimento do corpo enquanto instrumento de expressão. Favorece a integração com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes e cultura. Estabelece uma relação de confiança e autoestima na sua capacidade de produção artística, trabalhando aspectos de comportamentos fundamentais, além de estimular um potencial criativo das crianças, ampliando seus canais de comunicação e participação social.

Além de todos estes aspectos o espaço e o tempo são essenciais para a boa leitura e contação, ou seja, reservar um tempo para estar realmente com a criança, dedicar-se a ela de forma significativa e organizar um espaço para que a criança se sinta acolhida, segundo Paz, Mariotti e Knetsch (2006, p. 02)

(...) de forma atraente e aconchegante, com almofadas, iluminação adequada, livros de diversos gêneros, de diferentes autores, revistas, histórias em quadrinhos, jornais, trabalhos de outras crianças etc, sendo que as crianças devem ter livre acesso a este espaço (...).

com materiais disponíveis, sem a preocupação excessiva de que, com o manuseio dos mesmos, eles se danifiquem ou ainda “ser desenvolvida em laboratórios com a criação de cenários, de desenhos, de atuação, de construção de novos livros.” (RIZZOLI, 2005, p. 13)

## 2.4 PAPEL MEDIADOR DO EDUCADOR/RELAÇÃO ENTRE O EU E O OUTRO

Os contos, fábulas, lendas e histórias possuem relevância para a segunda infância – especificamente de 3 a 5 anos – por aguçarem a fantasia, imaginação, criatividade e priorizarem a ludicidade, pontos extremamente importantes para o desenvolvimento da criança dessa idade, propiciando atividades que enfatizem estes aspectos através das atividades literárias, pois são “o meio ideal para auxiliá-las não só a desenvolver suas potencialidades naturais, como também auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta” (COELHO, 1981, p.22) e também uma forma de aprendizagem se for direcionada corretamente, ou seja, é imprescindível que exista uma orientação para que se possam significar as experiências da Literatura, de modo que possibilitem a transformação da realidade que configura o conhecimento.

Daí a importância que se atribui, hoje, à *orientação* a ser dada às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer *relações* fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma *consciência* que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança para nele *poder agir*. (COELHO, 1981, P. 28)

Nesse quesito entra o papel mediador do educador, pois “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1989, p. 16) e, na escola, quem deve ler/contar histórias para a criança é o educador.

Os educadores precisam estar atentos também para a diversidade, para os novos conceitos de indivíduos que se relacionam nos grupos que virão, ou melhor, que já estão inseridos no meio, pois estar preparado para estas diferenças, quebra de paradigmas e visão contestadora da criança é primordial para o trabalho educativo, constatado que a criança não é um ser pronto e acabado, mas tem um potencial para ir além do que está posto.

Para desenvolver um ser integral (educar para a vida), através da literatura, isto é, perceber o indivíduo como um ser em desenvolvimento, atentar para a mensagem e qualidade que está sendo passada, seja através da expressão ou não, é necessário ter persistência no educar, visto que a criança também reproduz o que lhe é transmitido.

Educar para a vida é algo que deve estar internalizado, pois não adianta transmitir algo no qual não acredita. A criança, contendo todo o potencial retratado anteriormente, percebe, talvez não explicitamente, quando o que está sendo transmitido é um processo natural e isso definirá o que ela irá absorver, dependendo da integridade da convicção do educador, bem como se os conteúdos dos livros serão importantes para ela naquele momento da sua vida e/ou posteriormente, portanto, o papel desde grande interventor na vida pueril, é não estar na instituição somente para instruir, repassar um conhecimento, mas sim para educar, no total sentido da palavra, construindo conhecimentos juntos, ouvindo a criança, aprendendo com ela, proporcionando vivências enriquecedoras para a infância dela, pois na etapa infantil, o indivíduo precisa viver para amadurecer, sentir intensamente para que possa apreender. Ser um parceiro nesse acesso ao conhecimento pelo mesmo, olhando para ele, para dentro dele e ainda além, não o tratando como um ser inferior perante um outro superior faz toda a diferença, pois o educador também necessita de aprendizagem, as coisas mudam à todo momento e estar atento à estas transformações para poder acompanhar a pró-atividade dos pequenos é imprescindível, com a finalidade de uma promoção integral, para orientar, de modo que haja mudanças positivas na vida da criança.

Seria interessante que cada educador como mediador do conhecimento fizesse uma revisão dos seus atos educativos referentes à literatura como se fosse um processo interno e reflexivo sobre suas atitudes - o que já foi realizado, o que se pode melhorar e que ainda é possível fazer –, analisando sobre o retorno que está

sendo recebido sobre seu trabalho, visto que quando a ação é executada da qualquer maneira, possivelmente o *feedback* será negativo.

O papel do educador não é imediatista, mas sim um longo caminho a ser percorrido, começando com as pequenas metas e, aos poucos, abrindo caminhos para alcançar as grandes, em um período posterior, demolindo a fragilidade da desestruturação do conhecimento científico, ainda embrião na vida pueril, e construindo um sólido embasamento para a aprendizagem significativa, por exemplo, construindo uma fundamentação e não uma casa, ou seja, não somente um espaço físico para abrigo e proteção do frio e calor, mas um espaço de relações de troca, sejam elas positivas ou negativas, pois a vivência não é sempre fantástica e maravilhosas como os livros, e a criança, ao vivenciar o contrário, também estará adquirindo uma aprendizagem significativa.

Acreditar na capacidade de adquirir conhecimento é essencial, estabelecer capacidade de comunicação, pois Literatura é comunicação também e a leitura de mundo não se dá somente com os livros, mas através de todas as outras formas de expressão como desenho, pintura, contação, teatro, cinema, ou seja, através de todas as outras vertentes que as artes podem abarcar, inclusive trabalhar a Literatura aliada à tecnologia.

De acordo com Kirchof e Silveira (2009), a escolha das histórias também é fundamental, sem tentar civilizar o indivíduo de modo que possa "fazer parte" da sociedade com o objetivo de "formar um determinado tipo de sujeito" (p. 203) através de alguma concepção, ou ainda enfatizar mensagens moralizantes -pedagogização - e muito menos se limitar a projetos desenvolvidos na escola, mas sim fugir de todas estas artimanhas, buscando o incentivo ao gosto pela leitura através de atividades prazerosas, lúdicas" (p. 205) com "o entendimento de que se deva abrir ao aluno um leque de escolhas de leitura sem cobrança pedagógica" (p. 205), ou ainda com livros de conteúdos discutíveis e abordados de forma simplista, muitas vezes com a preocupação excessiva de que a criança aprenda a ler e escrever, pois, como já frisamos acima, se o trabalho com a Literatura Infantil for realizado com mestria, é bem provável que o aluno consiga aprender a ler e escrever posteriormente, na idade adequada para isso quando o seu psicológico e cognitivo estiverem preparados.

Outro ponto importante na escolha das histórias é a imagem, ou seja, as figuras que ilustram o texto, pois na infância, a criança não está com todo o potencial

reflexivo desenvolvido ainda, então precisa da imagem para conseguir entender o que está escrito nas entrelinhas do discurso, pois é através delas que ela “vai podendo estabelecer relações entre o seu eu e os outros, tornando possível que determinada consciência-de mundo passe a fazer parte integrante de seu pequeno mundo interior” (COELHO, 1981, p. 29), portanto a ilustração não é um mero detalhe, mas sim um importante material educativo.

O educador também tem a missão de promover a descoberta de potencialidades em crianças através de práticas artísticas e culturais, enquanto elementos delineadores e fortalecedores da personalidade, provocando o uso e desenvolvimento de habilidades, na realização de atividades em equipes ou individual, integrando-os socialmente e proporcionando arte, educação e cultura, fortalecendo a cidadania, com uma convivência saudável de forma prazerosa e lúdica, propiciando uma sensação de bem estar a partir de ações educativas.

E o papel do educador é proporcionar estes momentos com livros de qualidade, portanto o papel mediador do mesmo é muito importante na vida literária da criança.

### **3 A PESQUISA**

#### **3.1 METODOLOGIA**

Em nosso trabalho utilizamos a pesquisa de campo para investigação do objeto de estudo. É através dessa pesquisa de campo que poderemos conhecer de forma natural o nosso objeto, como refere Lüdke e André:

(...)a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.11)

A pesquisa foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil de Pinhais, e as turmas que foram observadas são turmas de maternal II, maternal III e

pré I, envolvendo crianças de 3 a 5 anos no período de agosto a outubro do ano de 2013.

Além da observação utilizamos questionários (APÊNDICE 1) para nos ajudar na elaboração de nosso trabalho, fazendo uma análise qualitativa dos dados, interpretando-os, e dialogando com autores da literatura infantil.

Nesta parte estão sendo apresentados os resultados da pesquisa de campo, onde foi observada a prática docente dos educadores do CMEI em relação à literatura, para facilitar o entendimento das amostras, englobando a teoria e a prática.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DA COMUNIDADE ESCOLAR

A pesquisa de campo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizada em um centro de educação infantil que se localiza na cidade de Pinhais, em um bairro novo, devido ao re-locamento de pessoas que viviam em áreas de risco. As famílias do bairro encontram-se em vulnerabilidade social e, portanto apresentam algumas características como violência, casos de alcoolismo e drogas, além de falta de cuidados com a higiene e saúde, conforme O Projeto Político Pedagógico(PPP). Um indicador da condição social de grande parte das famílias das crianças que frequentam o local é “fato de muitos residirem num bairro carente, violento e discriminado por muitas pessoas” (PINHAIS, 2013) e trabalharem na coleta de lixo reciclável, além de que o bairro não tem uma infra-estrutura de saneamento básico de qualidade, com poluição e lixo acumulado, ocasionando enchentes e prejudicando a população ao redor.

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) foi fundado em 2001, devido à necessidade da população. O nome foi escolhido através de votação, conforme mostra a história abaixo

As atividades da instituição tiveram início a partir de 05/12/2001, sendo criada pelo decreto nº 588, de 24/10/2003, pelo Prefeito Luiz Cassiano de Castro Fernandes. Atendeu primeiramente a sessenta e duas crianças das turmas de Maternal I e II e Jardim I. Entrando as outras turmas em funcionamento normal durante o ano de 2002.

Aos dezessete dias do mês de janeiro do ano de 2002, a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte fez consulta aos pais, através de votação, para escolha deste Centro de Educação Infantil. As opções foram:

Aconchego, Aprendendo e Crescendo e Infância Feliz, os pais tiveram a oportunidade de sugerir outros nomes. (PINHAIS, 2013, p. 18)

A instituição oferece somente o curso de Educação Infantil – do berçário ao Pré I-, como mostra o quadro a seguir

<b>ETAPAS</b>	<b>CORTE ETÁRIO PARA ATENDIMENTO</b>	<b>FORMA DE ATENDIMENTO</b>
<b>Berçário I</b>	4 meses a 11 meses	INTEGRAL
<b>Berçário II</b>	12 meses a 18 meses	INTEGRAL
<b>Maternal I</b>	Com 2 anos a completar durante o ano letivo, ou maior de 18 meses	INTEGRAL
<b>Maternal II</b>	3 anos a completar durante o ano letivo	INTEGRAL
<b>Maternal III</b>	4 anos a completar após 31 março do ano letivo	INTEGRAL
<b>Pré I</b>	4 anos completos ou 5 anos a completar após 31 março do ano letivo	INTEGRAL
<b>Pré II</b>	5 anos completos ou 6 anos a completar após 31 março do ano letivo	REGULAR <sup>1</sup>

(PINHAIS, 2013, p. 23)

O estabelecimento possui uma estrutura física ampla contendo várias salas de aula e outros espaços que podem ser utilizados para leitura, como estão listadas abaixo:

<b>SALAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Banheiros	10
Cozinha	01
Lactário	01
Lavanderia	01
Parque	01
Refeitório	01
Saguão	01
Sala de Coordenação	01
Sala de Múltiplo uso	01
Sala de professores	01
Sala de Supervisão	01
Salas de aula	16
Secretaria	01
Solário	01
Brinquedoteca	01
Depósito de material de expediente	02
Depósito de alimento	01
Depósito de material de limpeza	01

(PINHAIS, 2013, p. 27)

Porém, observa-se que estes espaços não são usados para este fim e os não direcionados especificamente para a literatura não são explorados, o que procede é a criação de uma biblioteca para as crianças, mas o processo de organização ainda consta em andamento.

O CMEI conta com vários eventos no decorrer do ano letivo, como

- Reuniões com objetivos Pedagógicos como: Entrega de Parecer Descritivo (Avaliação), Reuniões com Pais e Responsáveis;
- Palestras específicas para famílias envolvendo situações de cuidados com as crianças como: higiene e piolho;
- Oficinas com os pais com temas diversos;
- Exposições para mostrar o trabalho das crianças aos pais;
- Apresentações artísticas dos alunos.
- Festas com relevância social como: Aniversário de Pinhais, Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, Dia da Criança, Dia do Professor e Natal. Nestas datas são organizadas atividades diferenciadas para as turmas culminando com uma comemoração aberta à participação dos pais. Estas atividades

envolvem todos os profissionais do CMEI que se empenham no trabalho e proporcionam momentos especiais aos alunos e seus familiares. (PPP, 2013, p. 33)

inclusive em comemoração ao aniversário da instituição. No período da pesquisa de campo o centro organizou, referente à literatura, a Feira Literária com obras de Ana Maria Machado.

As aulas acontecem em período integral (manhã e tarde) e as crianças recebem quatro refeições por dia (café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta).

A equipe profissional é composta por profissionais da educação como equipe diretivo-pedagógica, educadores, e outros funcionários que cuidam da alimentação, limpeza e manutenção da infraestrutura da escola, como especificaremos a seguir.

O CMEI conta com 27 educadores, 4 pedagogas, 1 diretora, 1 secretária e 3 atendentes que cuidam da aprendizagem e desenvolvimento das crianças, porém, na observação foi constatado que estes números não estão atualizados e que a respectiva função de atendente não existe mais.

Em relação à formação dos educadores, temos 27 educadores e 3 atendentes; destes 16 tem Pedagogia, sendo que 2 estão cursando Pedagogia; 10 tem magistério; 1 tem formação em Letras; e 1 formação em Ciências Biológicas, como segue relação

<b>FORMAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Pedagogia	Pedagoga
Magistério	Educador
Magistério	Educador
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Pedagoga
Pedagogia	Educador
Técnico em Secretariado	Auxiliar de Serviços Gerais
Pedagogia	Pedagoga

<b>FORMAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Tecnólogo em Processos Gerenciais (em término de curso)	Secretária
Pedagogia (cursando)	Educador
Pedagogia	Educador
Magistério	Educador
Ensino Médio	Cozinheira
Magistério	Educador
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Educador
Ensino Médio	Atendente
Pedagogia (cursando)	Educador
Magistério	Educador
Pedagogia	Diretora
Ensino Médio	Atendente
Magistério	Educador
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Educador
Magistério	Educador
Ciências Biológicas	Educador
Letras	Educador
Magistério	Atendente
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Educador
Magistério	Educador
Magistério	Educador

<b>FORMAÇÃO</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Pedagogia	Educador
Pedagogia	Pedagoga
Magistério	Atendente

As turmas de educação infantil possuem de uma a três educadoras por turma, as do Pré, Maternal e Berçário contam com 1, 2 e 3, respectivamente, além do auxílio de estagiárias que são fixas nos Maternais I e Pré, já as outras turmas, somente quando necessário.

A biblioteca do centro possui uma bibliotecária, porém este acervo não é aberto ao público, mas somente aos profissionais da educação.

A comunidade escolar tem uma participação considerável, ainda menor que o esperado nos acontecimentos da instituição e nos processos de planejamento, bem como nas decisões tomadas no âmbito do processo educativo.

O CMEI conta com aproximadamente 390 crianças, divididas em 16 turmas, com uma média entre dezoito e vinte e oito crianças para cada respectiva turma, conforme a divisão do quadro abaixo:

<b>TURNO</b>	<b>TURMAS</b>	<b>Nº DE TURMAS</b>	<b>Nº DE ALUNOS</b>	<b>Nº DE SALAS</b>
INTEGRAL	BERÇARIO I	1	18	1
	BERÇARIO II	1	20	1
	MATERNAL I A	1	24	1
	MATERNAL I B	1	24	1

	MATERNAL I C	1	24	1
	MATERNALII A	1	26	1
	MATERNALII B	1	26	1
	MATERNALII C	1	26	1
	MATERNAL III A	1	26	1
	MATERNAL III B	1	26	1
	PRÉ I A	1	28	1
	PRÉ I B	1	28	1
MANHÃ	PRÉ II A	1	28	1
TARDE	PRÉ II B	1	28	1

(PINHAIS, 2013, p. 24)

### 3.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Foram entregues 17 questionários para educadoras e pedagogas – quinze e três, respectivamente - e recebido um retorno de somente 10 questionários respondidos, sendo dois das pedagogas e o restante das educadoras, tendo, assim um número menor de devoluções de questionários respondidos do que o planejado no cálculo amostral, correspondendo a 58,8 % do total esperado.

A questão de abertura era: *Com qual faixa etária você trabalha?* Dos oito questionários respondidos pelas educadoras, todas trabalham com crianças de três a quatro anos, o que mostra que a segunda parte da pesquisa foi mais abrangente, pois foi observada a prática docente de mais turmas na qual a faixa etária das crianças variava entre três aos cinco anos. Logo em seguida foi perguntado se elas trabalham com literatura infantil em sala de aula. Todas as profissionais da educação (já que este quadro de profissionais no CMEI é ocupado somente por

mulheres) trabalham com a literatura infantil em suas respectivas salas, o que pode ser considerado um ponto positivo para começar a discutir a prática docente relatada por elas.

Em relação à literatura na Educação Infantil, foi perguntado também sobre a opinião das mesmas em relação à literatura na Educação Infantil: sete do total de educadoras que responderam ao questionário consideram a importância da mesma para o desenvolvimento da criança em geral e uma não respondeu a questão. 42,5 % das profissionais consideram a literatura importante no desenvolvimento do gosto pela literatura, de ler ou pelos livros, o que vai ao encontro da nossa discussão sobre a importância da literatura infantil. Em relação à importância da literatura, Carregosa (2012) relata que esta arte é muito significativa para a criança, além de trazer a possibilidade de despertar o gosto pela leitura, dependendo da maneira como é abordada. Ainda sobre o apreço pela leitura, Kirchof e Silveira (2009) também apontam "o incentivo ao gosto pela leitura através de atividades prazerosas, lúdicas" (p. 205). Duas educadoras citaram que o contato com a literatura infantil proporciona um leque de possibilidades ou, em outras palavras, grandes oportunidades, como mostra a fala da educadora D, a seguir:

A literatura infantil é importante no desenvolvimento da criança, e muitas vezes ela não tem esse contato em casa, o que acaba dificultando o acesso, então esse contato na educação infantil proporciona grandes oportunidades de aprendizagem para a criança.

A educadora B também enfatiza que "a literatura infantil é importante na educação infantil, pois proporciona à criança um leque de possibilidades", porém nenhuma das duas aprofunda a discussão sobre quais seriam essas possibilidades/opportunidades. Duas das educadoras defendem a ideia de que a imaginação está presente na literatura, porém de maneira distintas, pois a educadora E destaca-a como instrumento pedagógico para o desenvolvimento da mesma: "a literatura infantil é um instrumento pedagógico de suma importância para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, do faz-de-conta da criança" e a educadora B faz uma metáfora dizendo que "a criança pode viajar pelo mundo" através dela. Como vimos, a última também destaca o desenvolvimento da criatividade e do faz-de-conta através da literatura. Já a primeira enfatiza o enriquecimento do vocabulário dos pequenos: "através da leitura, a criança pode

viajar pelo mundo da imaginação, a literatura também faz com que os pequenos enriqueçam seu vocabulário e se aproprie do gosto de ler”. Finalizando esta parte com as opiniões sobre a literatura infantil, a educadora D salienta a falta de acesso aos livros em casa, o que torna ainda mais importante o contato com os mesmos no CMEI: “através da leitura, a criança pode viajar pelo mundo da imaginação, a literatura também faz com que os pequenos enriqueçam seu vocabulário e se aproprie do gosto de ler”. Uma das educadoras (G) destaca a palavra o papel da literatura no desenvolvimento cognitivo e outra (H) até cita autores que considera relevantes, relacionando o trabalho literário com artes, conforme mostraremos a seguir:

É muito interessante, há 03 anos venho trabalhando poesias de Cecília Meireles, Pedro Bandeira e Vinícius de Moraes; e também artistas como Romero Brito, Van Gogh, Picasso, e tenho retorno maravilhoso, inclusive elogios de pais.

Estas respostas - ainda que de uma maneira menos formal, sem uma fundamentação teórica explícita – encontram fundamentos em autores como Manferrari (2011) que alega a necessidade de “estimular sua imaginação, intensificar suas emoções, alargar suas mentes” (p. 62), que propicia a descoberta. Carregosa (2012) aponta a imaginação como possibilidade de compreensão da realidade, fomentando-a através de “brincadeiras, cenários, dramatizações, pesquisas, conversas, jogos, atividades gráficas, propostas totalmente envoltas pelo fantástico mundo da imaginação e do faz de conta.” (CARREGOSA, 2012, p. 13). Coelho (1981) afirma que a imaginação é uma característica predominante na infância e, portanto, na literatura infantil, os livros precisam aguçar-la. Todas estas fundamentações reafirmam a importância da imaginação na vida da criança, salientando que a instituição escolar precisa dar subsídios para o contato e acesso aos livros, pois a literatura desenvolve a: imaginação, criatividade, curiosidade, interpretação e compreensão de mundo, auxiliando no desenvolvimento da linguagem escrita e oral, bem como no desenvolvimento de suas potencialidades de criar, de se expressar, ou seja, de se manifestar no meio cultural, e a lidar com as suas próprias emoções e conflitos.

Quando questionadas se a literatura contribui para o desenvolvimento das crianças, todas as educadoras responderam que sim e a maioria (3/4) enfatizou termos semelhantes encontrados nas respostas da questão anterior como o desenvolvimento da imaginação, a criatividade, o gosto pela leitura, do faz-de-conta, bem como na contribuição para a posterior alfabetização e aperfeiçoamento da oralidade, conforme a fala da educadora F, que sintetiza, de forma clara, o pensamento da maioria relatada: “através da literatura a criança desenvolve a imaginação, a criatividade, o gosto pela leitura, entende que existe um código (alfabeto) em que é possível se comunicar ou comunicar ideias para as pessoas”.

O único ponto abordado nesta questão e não comentado na questão anterior foi que, com a prática de leitura e ouvir histórias, a criança aprenderá e terá o hábito de “folhear livros” (educadora B) e terá “interesse em pegar livros para olhar” (educadora C), tornando-se um adulto leitor.

Na questão em relação às diferenças de leitura e contação, se elas existiam e quais eram, bem como a concepção de cada termo, 87,5 % (sete educadoras) afirmaram que existiam diferenças, algumas falaram somente da contação, outras diferenciaram as duas e uma não respondeu. Dentre as respostas, as que mais se aproximam com a conceituação apresentada no nosso TCC são as que relatam que na contação de histórias podemos usar recursos diferenciados (materiais como fantasias), mudando a expressão facial e corporal, bem como a voz, de acordo com cada contação, dramatizando e interpretando a história de maneiras diferentes, de acordo com a criatividade de cada um e que na leitura devemos seguir o que está escrito de uma maneira mais restrita, não podendo mudar as palavras do autor, conforme fica explicitado nesta fala

Sim, ler uma história, nada mais é do que transmitir com as palavras do autor, ler da maneira como está no livro, ser fiel as palavras. Contar uma história envolve interpretação, uma mudança na voz, fantasias, enfim, o que a criatividade permite. (Educadora B)

Nas outras questões relacionadas à leitura e contação, todas as educadoras que participaram dos questionários realizam a leitura na sala de aula, pelo menos uma vez por dia, algumas em horários fixos e outras em horários e locais diferenciados, com exceção de uma que não respondeu e outra que realiza um momento de leitura semanalmente, o que é outro ponto importante para discussão

da leitura em sala de aula, sem adentrar no conteúdo destes livros nem na prática docente.

Já a contação não é uma prática tão frequente na Educação Infantil, se comparada a leitura, porém ela aparece em todas as práticas relatadas, sendo que três contam histórias diariamente e outras duas, semanalmente, em ambos os casos, uma vez ou pelo menos uma vez, o que significa que em, alguns casos, há mais contações que o explicitado. Uma das educadoras respondeu que faz uso da contação constantemente, outra três vezes por semana e a outra que, geralmente, só realiza leituras em sala de aula.

Sobre a questão da interferência ou não do espaço na leitura e contação e suas positivities, em caso afirmativo, tivemos uma abstenção de resposta e seis (6) responderam que o espaço interfere, sim, positivamente na atividade, e uma das educadoras fez uma ressalva, alegando que “não haja uma interferência se o contador tem um domínio da história e está preparado para aquilo. Claro que um lugar tranquilo e confortável seria o ideal” (Educadora D). 62,5 % das educadoras consideram que um espaço tranquilo, “favorável à quietude”, sem “muitos ruídos”, evitando que a distração favorece a leitura e contação. Três educadoras citaram que o espaço deve ser acolhedor (prazeroso, confortável ou aconchegante) e outras duas salientaram a importância de um espaço próprio ou que se adeque ao momento com a arte literária (apropriado, adequado) e a educadora G defende a amplitude do espaço. Estas considerações são relevantes já que um espaço organizado, significativo e receptivo favorece uma melhor fruição da arte, ainda mais se for “de forma atraente e aconchegante, (...) sendo que as crianças devem ter livre acesso a este espaço.” (PAZ; MARIOTTI; KNETSCH, 2006, p. 02)

Como vimos, embora em algumas turmas a leitura esteja mais presente, as histórias acontecem todos os dias, algumas no período da manhã, outras à tarde, e ainda há as que não têm um horário específico, o que revela a importância, sem entrar em méritos de qualidade, que esta vertente tem para a educação conforme mostramos ao longo do nosso TCC, inclusive embasado em autores que comentam e discutem esta importância como Carregosa (2012) quando defende a significatividade e caráter lúdico da literatura infantil como promotora de momentos únicos e, além da imaginação – também discutida por Coelho (1981) e outros autores -, oportunidade de resolução de conflitos e também da formação da personalidade da criança.

A partir do momento em que a criança coloca os seus conflitos reprimidos na vivência dos personagens, ela consegue de alguma forma superá-los, entende-os e solucioná-los internamente, sem que para isso seja necessário apresentar uma explicação clara para eles. Por isso, não há necessidade, tão pouco recomendações, para que os professores expliquem a intencionalidade dos contos para os alunos, esse fato acontecerá de forma inconsciente. Para eles basta apenas deixar viver o momento mágico contido nos sonhos, na imaginação e nas histórias. (CARREGOSA, 2012, p. 03)

Mourato (2009) também estabelece necessidade de apoio e oportunidades de resolução desses conflitos - e a literatura pode auxiliar neste processo - quando descreve características da criança:

A infância é o período que tem dificuldades a ultrapassar em maior número. Se pelo contrário estas dificuldades não tiverem sido enfrentadas, mas recusadas e evitadas, a criança não ganha confiança em si própria mergulhando numa confusão. E todos os problemas não ultrapassados ou não resolvidos se levantarão de novo. É importante que tenhamos consciência dos sofrimentos da criança, que os respeitemos e apoiemos, dando-lhe suporte e meios para que os possa enfrentar e ultrapassar, ganhando confiança nas suas próprias capacidades. (p.19)

Observamos que 37,5 % das educadoras - ao responderem a questão sobre o seguinte conteúdo: *Como são realizadas as escolhas dos livros e/ou histórias? Que livros interessantes você conhece e fazem parte do acervo literário do CMEI?* - utilizam livros de algum projeto desenvolvido no CMEI – não citaram qual – e outras 60 % argumentaram as crianças ajudam a escolher os livros, porém estes livros são pré-selecionados e avaliados pelas educadoras de acordo com o seguinte critério: os livros são interessantes? Portanto, não são todos os livros que as crianças podem escolher, mas sim aqueles que passam pelo aval e julgamento das educadoras e não das crianças. 25 % delas disseram que são elas quem escolhem os livros a serem lidos pelas crianças, uma delas durante a semana, no dia da

permanência, sem definir os critérios que usa para fazer isso e outra com algumas observações como mostra a fala dela:

Geralmente escolho os que sei que serão interessantes para eles. Ao longo do ano vou percebendo aquilo que te deixa “impressionados”. Não podem se livros com linguagem muito diferente e nem com histórias muito compridas. As que têm imagens chamam mais a atenção. Mas procuro trazer para a sala um pouco de tudo para que conheçam. (Educadora F)

Os livros “interessantes” para as crianças, de acordo com as respostas, são os que têm imagens/ilustrações, temas que interessam às crianças, sem detalharem quais, e alguns livros como os das autoras Ruth Rocha e Audrey Wood, da editora Brinque-Book, os grandes clássicos, livros que tenham lobos como personagens, livros brinquedo (Ninoca) e histórias como:

- A casa Sonolenta;
- Conquista de um amigo;
- Beleléu;
- Eu era um Dragão;
- Telefone Mudo;
- Bruxa, bruxa, venha a minha festa;
- Marcelo Martelo e Marmelo;

Quanto ao acesso ao acervo literário, obtivemos algumas discordâncias de informações, pois algumas citaram que as crianças têm acesso livre ao acervo e outras disseram que não, mas o que se deduz, pelas falas, é que as crianças têm acesso ao acervo somente através das educadoras – ou levando-as até lá ou trazendo os livros até elas – e que na sala de aula contém uma pequena estante ou mini acervo para que as crianças possam manipulá-los, o que mostra que os livros do acervo não são acessíveis fisicamente para os pequenos, mas somente visualmente, pelas mãos da educadora, conforme salienta a educadora E quando afirma que o acesso “Ao acervo do CMEI é somente pelas mãos da professora, as crianças não manipulam esse material, porém dentro da sala possuímos um

pequeno acervo que é manipulado pelos alunos” (grifos nossos), e a educadora F que mostra o “medo” que os livros estraguem:

Não tem muito acesso. Mas o que faço às vezes é levar de 2 ou 3 até lá para que escolham o livro que vai ser lido em sala e vejam que existe um biblioteca no CMEI. Acho que deveria ter outro acervo para que eles pudessem ser criativos, porque também é preciso preservar os livros que tem lá e sabemos que se passarem pelas mãos de muitas crianças podem acabar acontecendo “acidentes”.

Quanto à questão sobre os livros mais utilizados no CMEI, os mais usados na sala de aula são os gibis, as fábulas, contos clássicos, contos de fadas, ação, suspense, animação, livros brinquedo e de animais. Duas educadoras responderam à pergunta e a F prefere os diferentes, enfatizando que procura “trazer sempre livros diferentes para a sala. Nunca repetir porque tem bastante diversidade. Mas aqueles que têm “animações” são os que eles mais gostam”.

Finalizando a parte dos questionários, 37,5 % das educadoras não sentem a necessidade de outros livros que o CMEI não dispõe para a sua prática pedagógica e 60 % citaram que o CMEI poderia contar com uma maior diversidade de materiais como livros interativos e de outras obras de grandes autores como Ana Maria Machado, Monteiro Lobato, Ziraldo e Ruth Rocha, o que confirma a importância destes autores no momento atual para educação infantil, conforme explicitamos no breve histórico da literatura brasileira, na qual esta se encontra em fase de grande crescimento, com uma heterogeneidade de conteúdos e diferença de qualidade, com destaques em: Monteiro Lobato (embora tenha surgido nos anos 70, ainda é forte no Brasil), Ziraldo, narrativas somente com imagens (tendência que tem ganhado vida nos últimos anos); contos de fadas com nova roupagem (alguns livros de Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Fernanda Lopes de Almeida, Bartolomeu Campos Queirós, Eliardo França); livros de humor e ironia (principalmente Sylvia Orthoff); outros com conteúdos atuais sobre questões de gênero, etnia e diferenças (em geral); traduções dos clássicos da literatura infantil, como os contos de fadas; livros que enfatizam o nacionalismo com novas roupagens e outros que inserem o Brasil no nível das literaturas internacionais, como mostra TURCHI (2008):

A partir dos anos 70, a literatura infantil e juvenil inaugura um período extremamente fértil no Brasil. As obras podem ser agrupadas em

tendências temático-estilísticas, construindo uma história do gênero que reflete o momento histórico social brasileiro e a situação do leitor por meio de um projeto estético ousado e criativo. Aparecem nomes que ainda hoje continuam a publicar, com sucesso, obras para crianças e jovens, entre eles: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho entre outros, reatando as pontas com a tradição lobatiana por novas vias que contemplam a crítica social, o humor, o suspense, a aventura da linguagem. A renovação da literatura infantil brasileira, que ocorre especialmente nos anos de 1970, na trilha de Lobato, vai se consolidando, nas décadas seguintes, com um projeto estético que valoriza o diálogo entre texto, ilustração e aspectos gráficos, num processo de co-autoria. As narrativas se caracterizam pela presença do humor e da irreverência, da aventura, do suspense e da temática do cotidiano. Há um aprofundamento estético no texto literário, seja na construção da voz narrativa que procura estabelecer pontes entre a perspectiva do adulto e a da criança; manifesta-se também nas obras um apelo à imaginação e um incentivo à construção de um leitor crítico. A poesia infantil também se insere neste cenário, ganhando, depois de Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Sidônio Muralha; Vinícius de Moraes, dimensões significativas, com o aparecimento de vários poetas e obras, seja na forma do poema, da prosa poética, ou da narrativa em versos, muitas vezes em ritmos populares como o cordel. (TURCHI, 2008).

Embora não tenham sido tão citadas pelas educadoras nas respostas aos questionários (somente pela educadora H que citou Pedro Bandeira, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes), as poesias também são relevantes para a literatura brasileira, como ficou explícito na escrita da autora.

Quanto às pedagogas, as perguntas foram um pouco diferenciadas. Uma dela atua com todas as turmas do CMEI (do Maternal ao Pré) e a outra somente com uma turma de Maternal III e três do Pré I. A primeira (I) possui o curso de coordenação pedagógica como complemento e trabalha há seis anos na Educação Infantil e a segunda (J) não possui nenhum curso específico além do exigido para a profissão, que é o de Pedagogia e trabalha há nove anos na área.

Ao serem questionadas sobre o trabalho com a literatura na educação infantil a pedagoga I fez uma síntese na resposta, caracterizando-o em uma só palavra: essencial. Já a pedagoga J afirmou que “é muito importante, pois além de trabalhar o imaginário e a fantasia, despertam o interesse pela leitura”.

Em relação a contribuição da arte literária infantil para o desenvolvimento das crianças, a pedagoga I continuou a enfatizar que ela é essencial para a educação dos pequenos e contribui em todos os aspectos, exemplificando o cognitivo e a oralidade. A pedagoga J foi um pouco mais extensa, dizendo:

Com a leitura a criança amplia o seu vocabulário (apropria-se de novas palavras), o seu conhecimento de mundo, a sua imaginação (construção de imagens) e a sua cultura. Também faz relação com os seus conhecimentos prévios, construindo novos.

Sobre as contribuições na parte teórica do nosso TCC também afirmamos que a literatura na educação infantil é essencial na construção do gosto pela leitura e realização do significado dela, de forma que seja uma prática prazerosa para a criança, além de que citamos que ela contribui para a formação integral do ser humano, ajudando no crescimento pessoal dos pequenos, bem como no aperfeiçoamento do coletivo, auxiliando no desenvolvimento da personalidade, na aprendizagem significativa, na comunicação, expressão, enfim, formando leitores.

Na seguinte questão: *Na função de pedagogo você tem alguma atuação em relação ao trabalho com literatura infantil? Como se dá essa atuação?* As duas pedagogas encaminharam uma resposta que direcionava esta atuação para as pedagogas, não deixando claro se elas também participavam do trabalho em si ou só realizavam a função de gestoras do trabalho. Uma delas foi mais direta, afirmando que o trabalho acontecia “no incentivo às educadoras no uso dessa ferramenta” e a I, foi mais abrangente, salientando que:

A literatura infantil deve estar no planejamento diário das turmas, até mesmo como recomendação da Secretaria de Educação, e se isso não acontecer, tenho que sentar com as professoras e vir o que está acontecendo, pois sei de todas as contribuições que a literatura infantil traz.

Ao serem questionadas sobre a diferença entre leitura e contação de histórias, afirmaram que existem diferenças, e foram bem específicas quanto à elas e a concepção de cada uma. A educadora J destacou a emoção, imprevisto e interação que a contação pode trazer aos ouvintes, bem como à fidelidade às palavras do autor na leitura. Já a educadora I ressaltou

Sim, claro, quando a professora lê ela está fazendo uso das palavras que o autor traz em seu livro, mas quando ela conta a história ela se apropria do texto, podendo modifica-lo, fazendo as alterações que forem necessárias para que seja um momento mágico, e nesse momento, as educadoras podem fazer uso de diversos materiais, utilizando-os como auxiliares na contação de histórias.

Esta última diferenciação se aproxima muito do que a maioria das educadoras respondeu no questionário, o que mostra, neste ponto, um consenso entre a equipe pedagógica e o educacional, e também vai ao encontro das concepções de leitura e contação defendidas no nosso TCC e destacadas novamente no parágrafo da mesma questão das educadoras.

Sobre os tipos de “materiais” que podem/devem ser usados nas contações de histórias foram lembrados desse os trejeitos corporais (voz, expressão, ajuda das crianças) como o uso de materiais recicláveis, dependendo da criatividade do educador, bem como fantoches, fantasias, objetos, baús, malas, etc.

Havia uma questão semelhante às perguntadas aos educadores sobre o processo de escolha dos livros e/ou histórias e, embora a pedagoga J atenda algumas turmas que a pedagoga I também atende, as respostas foram distintas.

Disse a educadora I:

Foi feito levantamento de livros já existentes nas escolas, e os que as professoras achavam interessante ter em sala. As opções já existiam, foi feita uma espécie de votação, o interessante e que foram escolhidos muitos livros voltados à diversidade.

Salientou a educadora J:

Muitas vezes, a escolha é aleatória, pois a história faz parte da rotina do CMEI. Mas também, pode ser utilizado o critério do tema do projeto, no qual o enredo tenha relação com o que está sendo trabalhado pelas professoras. E, todos os anos, no CMEI. 9. Promovemos a Feira Literária, na qual é selecionado um autor relevante na literatura infantil e todas as turmas se envolvam no desenvolvimento de atividades relacionadas às obras do autor selecionado.

A segunda parte desta mesma questão era “Que livros interessantes você conhece e fazem parte do acervo literário do CMEI?” e nenhuma das duas pedagogas mencionou algum livro, talvez por falta de contato direto com eles.

O último questionamento também era semelhante à uma das perguntadas às educadoras sobre o acesso ao acervo literário e a opinião delas sobre isso. A pedagoga J foi enfática, confirmando o que 25% das educadoras disseram nesta questão quando colocou que “as educadoras fazem essa mediação: selecionam as obras e disponibilizam para as crianças, seja na leitura, na contação ou manuseio dos livros no espaço da leitura”, portanto, contrariando os outros 60% das

profissionais da educação que afirmaram que as crianças ajudam nas escolhas das histórias. O interessante foi que a pedagoga I mostrou preocupação com a maneira que as educadoras permitem esse acesso, escolhendo os livros pelas e para as crianças, além de mostrar uma ação, criando um espaço para que as crianças escolher quais livros queiram, bem como planejando um trabalho de conscientização do cuidado com o livro, o que é positivo, já que proibir o manuseio livre pode podar o desenvolvimento do gosto de ler, de tornar a atividade literária prazerosa, ou seja, podar a formação do futuro leitor. Este pensamento é condizente com os escritos de Paz, Mariotti e Kinetsch (2006, p. 02), quando afirma “que as crianças devem ter livre acesso a este espaço”, ou seja, ao espaço destinado aos livros, sem a preocupação excessiva de que as crianças danifiquem o material ao manuseá-lo, orientando sobre a manutenção do acervo, sempre que necessário.

### 3.4 PERFIL DO EDUCADOR

Na amostra quantitativa, foi verificado que 100% das docentes são do sexo feminino, o que mostra que, nesta instituição, o maior número de profissionais na área docente da educação infantil é do sexo feminino.

Esse fato vai ao encontro da discussão de Zibetti (2000) que sugere que as mulheres são mais propícias a exercerem esta profissão, quando discute sobre a predominância de mulheres no trabalho educativo com crianças, principalmente na Educação Infantil (0 a 5 anos), visto, embora haja muitos movimentos com o objetivo de superar esta desigualdade, ainda não foi quebrado o paradigma de gênero, ou seja, das profissões exercidas de acordo com o sexo, articuladas a uma questão histórica e social. As tabelas a seguir corroboram com esta afirmação (a primeira se refere ao Paraná e a segunda aos professores do Brasil inteiro), pois mostram, em números, que a Educação Infantil é a etapa de ensino onde a docência com crianças de 0 a 5 anos é exercida, em sua grande maioria, pelo gênero feminino.

## **PROFESSORES PARANÁ**

**Tabela A1 - Número de Professores da Educação Básica por Sexo, segundo as Etapas / Modalidades de Ensino – 2007**

Etapas / Modalidades de Ensino	Professores por Sexo		
	Total	Feminino	Masculino
Educação Básica	101.327	87.074	14.253
Educação Infantil - Creche	6.646	6.552	94
Educação Infantil - Pré Escola	10.382	10.097	285
Ensino Fundamental - Anos Iniciais	37.295	35.424	1.871
Ensino Fundamental - Anos Finais	37.123	29.121	8.002
Ensino Médio	28.239	19.915	8.324
Educação Profissional	3.230	1.875	1.355
Educação Especial	7.022	6.591	431
Educação de Jovens e Adultos	8.149	6.511	1.638

Fonte: MEC/Inep/Deed

## PROFESSORES ENSINO REGULAR

**Tabela A1 - Número de Professores do Ensino Regular por Região Geográfica, segundo as Etapas de Ensino e Sexo - 2007**

Etapas de Ensino	Sexo	Professores por Região Geográfica						
		Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
Educação Básica	Total	1.882.961	157.016	570.647	741.604	281.251	132.443	
	Feminino	1.542.925	114.985	462.454	616.956	240.612	107.918	
	Masculino	340.036	42.031	108.193	124.648	40.639	24.525	
Educação Infantil	Educação Infantil - Creche	Total	95.643	3.571	20.315	44.523	21.503	5.731
		Feminino	93.675	3.482	19.923	43.516	21.168	5.586
		Masculino	1.968	89	392	1.007	335	145
	Educação Infantil - Pré-Escola	Total	240.543	19.420	76.845	97.918	32.061	14.299
		Feminino	231.096	17.995	73.865	95.088	30.603	13.545
		Masculino	9.447	1.425	2.980	2.830	1.458	754
Ensino Fundamental	Ensino Fundamental - Anos Iniciais	Total	685.025	60.032	204.229	266.907	102.100	51.757
		Feminino	624.850	49.195	184.774	249.018	95.287	46.576
		Masculino	60.175	10.837	19.455	17.889	6.813	5.181
	Ensino Fundamental - Anos Finais	Total	736.502	66.913	230.789	275.603	110.696	52.501
		Feminino	548.050	42.364	168.450	209.158	88.839	39.239
		Masculino	188.452	24.549	62.339	66.445	21.857	13.262
Ensino Médio	Total	414.555	25.951	99.868	187.529	69.450	31.757	
	Feminino	267.174	14.176	58.903	123.754	49.742	20.599	
	Masculino	147.381	11.775	40.965	63.775	19.708	11.158	
Educação Profissional	Total	49.653	1.752	4.350	30.879	10.787	1.885	
	Feminino	23.167	871	1.926	14.175	5.254	941	
	Masculino	26.486	881	2.424	16.704	5.533	944	

Fonte: MEC/Inep/Deed

- Notas:
1. Alguns professores atuam em mais de uma Etapa e/ou Modalidade.
  2. Educação Básica: inclui os professores de Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos.
  3. Educação Infantil - Pré-Escola: inclui os professores de turmas de Educação Infantil - Unificada.
  4. Ensino Fundamental: inclui os professores de turmas do ensino de 8 e 9 anos.
  5. Ensino Fundamental - Anos Iniciais: inclui os professores de turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental Multietapa.
  6. Ensino Fundamental - Anos Finais: inclui os professores de turmas Multi, Correção de Fluxo e Multi 8 e 9 anos.

O nível de escolaridade das educadoras atende à lei vigente (citação). Quanto às pedagogas, elas também possuem a graduação exigida de Pedagogia. Uma pedagoga possui o curso de coordenação pedagógica como complemento e trabalha há seis anos na Educação Infantil e a outra não possui nenhum curso específico além do exigido para a profissão, que é o de Pedagogia e trabalha há nove anos na área.

### 3.5 O ACERVO LITERÁRIO

O CMEI possui um acervo literário bastante rico, composto por 1341 obras, dos mais diversos gêneros e autores. Os livros são comprados com recursos da própria instituição, enviados pela secretaria de educação e ainda, muitas das obras fazem parte do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola).

O PNBE foi criado em 1997 e tem como objetivo distribuir obras previamente selecionadas através da parceria com o CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita).

Para que a formação do pequeno leitor seja a mais democrática possível, as instituições devem contar com uma confiável estratégia de avaliação, compra e distribuição dos livros. A legitimidade dos critérios de escolha propicia uma forma mais segura de socialização e produção do conhecimento. E é nessa seara que entra o Ceale, selecionando os acervos para a Educação Infantil, em prosa, em verso, em imagens ou quadrinhos, permitindo que chegue às crianças uma coleção de obras cuidadosamente analisadas e avaliadas por uma equipe de professores especialistas na área de alfabetização e letramento literário.  
(MACIEL, 2008, p.8)

Através das obras distribuídas pelo programa, muitas instituições possuem a chance de ofertar aos seus alunos obras de qualidade, assim como observamos na

instituição onde fizemos a pesquisa de campo. Percebemos esse interesse de oportunizar que as crianças tenham contato com as obras literárias, assim como também afirma Maciel (2008):

O Ceale, em seu compromisso junto ao PNBE, procura diminuir cada vez mais o abismo que, infelizmente, ainda ocorre neste país entre o livro e o estudante. Criar uma biblioteca, alimentá-la frequentemente, nutri-la com as obras significativas, tanto nacionais quanto estrangeiras, exercer um controle de qualidade na aquisição desses livros, possibilitar que o estudante tenha sempre ao seu alcance um universo de opções que possa ser lido, compreendido e assimilado, tudo isso representa em verdade, recriar um país, redescobrir suas potencialidades.  
(MACIEL, 2008, p. 18)

Para esse acervo chegar até a mão das crianças, é passado pela prévia avaliação dos educadores, assim como pudemos observar na pesquisa de campo e nos questionários respondidos por educadores e pedagogos. Mas antes mesmo de chegar até as escolas, até a mão desses educadores, o processo de escolha desses livros é feita muito antes. As crianças são as grandes beneficiadas pelas obras, mas há alguns avaliadores das obras mais “adequadas” para elas, assim como destaca Soares (2008):

(...) No caso de livros de educação infantil, incluem-se entre os destinatários da edição, além da criança, ponto de chegada do processo, os mediadores que interpõem entre o livro e ela: a família e, sobretudo, a escola, em que professores e bibliotecários definem e controlam o acesso ao livro e instituem os modos e os tempos de ler. Quando os livros são propostos a compras governamentais, resultado das políticas públicas de incentivo à leitura nas escolas, ainda outros mediadores são destinatários da edição: os avaliadores que selecionam e compõem os acervos a serem adquiridos.  
(SOARES, 2008, p. 21).

Para classificar as obras que serão enviadas para as instituições de ensino, é necessária a inscrição de obras realizadas por seus autores. As editoras enviam o catálogo com as obras inscritas e, partindo desse catálogo, as obras são selecionadas.

O primeiro PNBE direcionado para a educação infantil foi feito em 2008, no qual apenas 567 obras foram inscritas, enquanto para o ensino fundamental houve a inscrição de 1168 livros, mostrando como a educação infantil não era o foco das editoras até então, já que nunca havia sido feito tal investimento para essa etapa da educação básica. Essa seleção resultou em três acervos, distribuídos nas escolas de acordo com o número de crianças matriculadas. São vinte livros em cada acervo.

Em 2010 houve outra seleção do PNBE, no qual mudaram o sistema dos acervos, eles foram divididos em duas categorias onde foram separados por idades. A categoria 1 possui dois acervos com livros para crianças de 0 a 3 anos, com vinte e cinco livros em cada acervo. E a categoria 2, para crianças de 4 e 5 anos, também possuindo dois acervos com vinte e cinco livros cada.

A última seleção do PNBE ocorreu em 2012, respeitando o intervalo de dois anos entre uma seleção e outra. Neste último ano também foram separados por categorias, mas foram classificados em creche e pré-escola. Também foram selecionadas vinte e cinco obras em dois acervos de cada categoria. (Os acervos podem ser encontrados no ANEXO 1).

Na biblioteca do CMEI podemos encontrar todos os livros do PNBE e tantas outras obras adquiridas pela direção, recebidas de doação, e até mesmo confeccionadas pelas educadoras.

### 3.6 CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE

Durante a pesquisa de campo observamos sete turmas: maternal II A, maternal II B e maternal II C; maternal III A, maternal III B e maternal III C e por fim, pré I A.

Escolhemos essas turmas pela idade das crianças, são idades que variam entre 3 a 5 anos, idade que levamos em consideração em nossa pesquisa no TCC.

As observações foram feitas em sete dias diferentes, sendo observada apenas uma turma por dia, assim, possibilitando um acompanhamento de maior qualidade.

Faremos a exposição das análises das observações, elas estão ordenadas cronologicamente, e os detalhes das observações estão no Apêndice 2.

#### **Observação do dia 02/09/2013 – Maternal II A**

Ao analisar com maior cuidado a observação realizada, percebe-se que no primeiro momento a educadora utiliza o tempo bem, conta uma história curta, e ao mesmo tempo interessante com as crianças, utiliza o recurso do fantoche, que já vem com o livro.

A educadora faz o uso de um livro apropriado para a faixa etária, de acordo com Betty Coelho (1999) no livro “Contar Histórias: Uma Arte Sem Idade”, existem duas etapas: pré-escolares e escolares. Na fase pré-escolar existem duas outras, a fase pré-mágica e a mágica. A fase pré-mágica abrange a idade de zero à três anos e diz que nessa idade as crianças gostam de histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) e histórias de crianças. Sendo assim, as crianças que estão nessa turma estão inseridas na fase pré-mágica e a educadora fez uso de histórias que fazem parte desse quadro específico, o que nos mostra que a mesma sabe o que chama a atenção das crianças naquela idade.

As histórias apresentadas para as crianças são simples, com um conteúdo que deixa a desejar enquanto conhecimento para as crianças. Com frases curtas, simples e muitas vezes sem ligação, acabam que subestimando a capacidade que os pequenos têm de pensar e assimilar histórias mais longas.

A participação e interrupções das crianças nessa observação foi contida, as crianças manifestavam-se mais com ações do que com palavras, nos poucos momentos em que alguma criança falou, foi para repetir o que a professora leu, ou algum barulho que ela tenha feito.

### **Observação do dia 09/09/2013 – Maternal III B**

Ao ver a transcrição da conversa entre professora e alunos, percebe-se que a professora não contou a história por contar, mas utilizou a história para conversar com as crianças sobre a atenção que recebem de seus pais.

O método utilizado pela professora de contar a história foi interessante, utilizou o livro para contar e foi entonando a voz, para criar suspense nos momentos oportunos, mudou a voz, diferenciando uma personagem da outra, mostrando conhecimento da história que estava lendo. Segundo Abramovich (1997):

Ah, é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma...(...)  
(ABRAMOVICH, 1997, p. 21)

A professora conseguiu com que as crianças ficassem interessadas em saber o que acontecia na história, ficaram surpresas quando o monstro “comeu” o Bernardo.

A professora utilizou a história como disparador na conversa com as crianças sobre o relacionamento com os pais e o sentimento dessas crianças em relação à essa atenção que recebem, ou deixam de receber.

Quando trouxe o diálogo falando de Bernardo e as crianças relacionaram com situações vividas em seu cotidiano, ela traz o entendimento de mundo que a história pode ocasionar, pois, “é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo (...)” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17). As crianças falaram da atenção que seus pais dão para elas, como se sentissem como o Bernardo na história.

As crianças trouxeram contribuições importantes para o desenvolvimento da conversa, mas a professora poderia ter explorado muito mais esse momento, as crianças relacionaram os acontecimentos da história com sua própria vida, como por exemplo, a criança 1 relatou que Bernardo queria que seus pais brincassem com ele porque ele não tinha um irmão para brincar, e essa é a realidade daquela criança. A professora não buscou aprofundar-se nessas questões de assimilação entre história e vida das crianças, procurou saber se as crianças haviam compreendido a história.

### **Observação do dia 16/09/2013 – Maternal II B**

Nenhum recurso foi utilizado para contar a história, apenas a voz da educadora. Enquanto ela contava, as crianças não pareciam muito atentas, a educadora não utilizava a voz como deveria, afim de criar um suspense, uma vontade de ouvir, a educadora apenas leu a história, sem emoção. Sobre os recursos da narrativa, Manferrari (2011):

A narrativa é uma forma expressiva complexa: a escolha das palavras, do volume, do tom; a alternância dos ritmos, lentos, insistentes; as acelerações, as pausas; o cuidado com os gestos, a eficácia dos olhares; a repetição e a previsibilidade ou a surpresa e o engano... são todos instrumentos para criar aquele *lugar de encontro* feito de conexões entre quem conta e quem escuta, onde o que importa é a presença e a vontade de uma comunicação verdadeira, capaz de suscitar um espaço de *escuta comum*.

(MANFERRARI, 2011, p. 52)

Durante a leitura algumas crianças manifestaram-se falando que gostavam de maçã, que não comiam o bichinho, que o bicho é da natureza e não podem ser mortos. Mas a educadora não dava importância aos comentários, ela continuava a história, sem manifestar-se sobre o que as crianças falavam. E ao final da história, ela não fez nenhum comentário sobre as reflexões das crianças. Apenas terminou de ler e falou que as crianças poderiam brincar.

A educadora podia ter aproveitado as oportunidades para conversar com as crianças, já que os comentários foram surgindo, por que não aproveitar para trabalhar as questões que as crianças trouxeram? Claro que nem sempre essa conversa sobre a história tem sempre que ocorrer, mas aproveitando a situação que ali causou, a educadora poderia ter feito um gancho com os diálogos das crianças.

### **Observação do dia 23/09/2013 – Maternal II C**

Ao analisar o momento da história, percebe-se que a educadora não tem tanto conhecimento do poder que uma história pode ter. Ao tentar iniciar o momento, ela faz chantagem dizendo que só irá contar a história se as crianças ficarem quietas, mas a história pode ser uma grande aliada para chamar a atenção das crianças, assim como afirma Coelho (1999):

“Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – ‘se ficarem quietos, conto uma história’, ‘se isto’, ‘se aquilo’ ... – quando o inverso é que funciona. A história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias.”  
(COELHO, 1999, p.12)

Conseguiu deixar a história interessante para as crianças dando abertura para que participassem desse momento, fazendo com que se sentissem parte daquilo que estava sendo lido.

Utilizou a história como um momento de prazer, não tinha nenhum objetivo explícito na atividade, mas as crianças gostaram tanto da histórias, em poder imitar os animais, que tornou o momento muito gostoso e divertido. Fanny Abramovich ressalta que “ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores...” (ABRAMOVICH, 1997, p.24).

Enfim, a professora começou chamando a atenção das crianças tornando a história uma espécie de recompensa por ficarem quietos, mas utilizou a história como divertimento das mesmas, tornando o momento muito mais interessante e rico.

### **Observação do dia 30/11/2013 – Maternal III A**

O método utilizado para contar a história foi muito interessante, pois ela utilizou uma maneira diferente para que as crianças pudessem desfrutar daquele momento, envolvendo-os.

Percebe-se que as professoras prepararam-se para esse momento, houve uma espécie de ritual antes de começar a história, para que isso seja possível Betty Coelho aconselha: “comecem, pois a refletir, a planejar, muito antes de pronunciar o ‘Era uma vez...’ (...)” (COELHO, 1999, p. 63).

Ao criar um ambiente diferenciado para contar a história, a educadora permitiu às crianças um momento único, podendo fazer com que sentissem diferentes emoções, ainda mais se tratando de uma história de suspense, as crianças ficaram receosas enquanto a educadora lia a história mostrava as imagens e ainda ouviam os ruídos que a outra educadora fazia.

O ambiente também foi previamente pensado, afim de favorecer aquele momento que as crianças iriam participar. Segundo a Proposta Pedagógica Curricular para a Educação Infantil do município de Pinhais:

A contação de histórias poderá ocorrer na sala, num espaço organizado com tapete e almofadas, em lugares próprios da unidade de ensino preparados para este fim, na brinquedoteca e no ambiente externo, como, por exemplo, embaixo de uma árvore ou em cabanas montadas.  
(PINHAIS, 2010, p. 83)

Após a contação da história, as educadoras disponibilizaram outros livros para as crianças verem, isso é muito importante para a criança pois:

Mesmo antes que a alfabetização confira certa independência de leitura à criança, contato individual e silencioso com o livro tem função educativa, porque prepara o leitor para os contatos diretos entre as imagens lidas e o desenvolvimento de emoções e do imaginário, sem que haja a intervenção e invasão do adulto.  
(COSTA, 2007, p.47)

Ao disponibilizar os livros, as educadoras permitiram que as crianças pudessem dar novos rumos as histórias que já conheciam, inventassem seus próprios enredos para as ilustrações, enfim, possibilitou um momento muito rico, onde as crianças interagiram entre si contando histórias umas para as outras.

### **Observação do dia 07/10 – Maternal III C**

Analisando a prática da educadora com essa turma, percebemos que a mesma utilizou de uma técnica para contar a história, não foi utilizado o livro, grande diferencial entre as outras turmas observadas, em que todas utilizaram livros.

A educadora fez uma dramatização da história, o que chamou muito a atenção das crianças. A dramatização faz com que as crianças conheçam outras possibilidades de contar uma história, e a educadora fez com que participassem sendo a torcida, o que fez com que se sentissem pertencentes ao que estava acontecendo naquele momento. Sobre a dramatização, só com foco na dramatização das crianças, Alícia Prieto faz o seguinte comentário:

A história contada tem a vantagem de oferecer, num plano de idealização estética, a oportunidade de um jogo emocional que, ao lado da aprendizagem condicionadora da conduta, terá sua função terapêutica. A ocasião está dada e cada um faz sua própria terapia. Nunca saberemos que cargas emocionais perturbam nossos pequenos, nem atinaremos em medir as ressonâncias subjetivas que poderão ser provocadas por esse jogo simbólico que, no fundo, toda história esconde.  
(PRIETO apud COELHO, 1999, p. 61).

Quando a educadora oportuniza a participação das crianças na dramatização da história, ela está dando uma oportunidade única que a criança possa apropriar-se daquilo que está acontecendo no seu ambiente, ela compreende que aquilo é uma representação e assume um papel naquele momento.

Além de contribuir para que as crianças conhecessem uma forma diferente de contar histórias e ouvir histórias, ainda fez com que vivenciassem o momento, além da sala, eles ainda puderam brincar de dramatizar a história na área externa, fez isso quando perguntou se as crianças gostariam de fazer uma corrida igual na história.

O momento em que foram para a área externa foi muito divertido, as crianças queriam fazer igual na história, então alguns grupos foram formados para dramatizar a história, tudo isso sem a intervenção das educadoras. Coelho (1999) ressalta que:

Há enredos que prestam melhor à dramatização, isto é, enredos de repetição, movimentados e fáceis de guardar, pois a dramatização logo após a narrativa não é ensaiada, os participantes escolhem o próprio papel, resolvem entre si as situações de modo convincente, sem ser necessário caracterizações de vestuário ou cenário.  
(COELHO, 1999, p. 60)

Enfim, as crianças expressaram-se muito bem em todos os momentos, desenvolvendo a criatividade, liderança, criticidade, enfim, todas as habilidades que uma boa história pode desenvolver.

### **Observação do dia 14/10/2013 – Pré I A**

Considerando a observação, a educadora contou a história utilizando o livro, um livro muito interessante, ainda mais tratando-se de ilustração.

Quando alguém vai contar uma história utilizando o livro e esse livro possui boas ilustrações, as ilustrações passam a ser partes fundamentais das histórias, elas fazem com que os ouvintes possam compreender o que está sendo contado. Cademartori (2008) afirma sobre as ilustrações:

O atrativo instantâneo que ilustrações de livros de literatura infantil exercem em crianças de qualquer época e, de modo especial, naquelas que hoje crescem em mundo acentuadamente visual, é fato inegável e de constatação óbvia. Crianças são ávidas leitoras de imagens, que nelas exercem poder encantatório, tão logo os pequenos leitores abram o livro e comecem a folheá-lo.  
(CADEMARTORI, 2008, p. 80).

Por mais que a educadora não tenha feito uso de entonação da voz, e nenhum recurso que chamasse a atenção das crianças e tornasse aquele momento mais prazeroso, o livro fazia o papel que a educadora deixou de fazer, como já havia sido dito anteriormente, o livro se trata de uma obra muito boa e para que fosse melhor aproveitado seria melhor mesmo ter sido feita a leitura mostrando o livro, pois

“há textos que requerem, indispensavelmente, a apresentação do livro, pois a ilustração os complementa” (COELHO, 1999, p. 32).

Para a prática da educadora, muita coisa deve ser revista, pois, além de não aproveitar o momento com as crianças, repreendeu as crianças que queriam conversar sobre a história, ao invés disso cantou uma música sobre o rato. As crianças sentiram necessidade de comentar sobre o que haviam ouvido, mas não puderam.

## 4 CONCLUSÃO

Durante o processo de pesquisa, foi apresentada uma pequena cronologia da literatura, enfatizando a literatura infantil com abordagens teóricas, de vários tempos históricos. Diante disto, percebemos mudanças na literatura de acordo com cada época, bem como novas nuances e representações sociais que influenciaram a escrita, além de valores e ênfases diferenciadas.

Neste sentido, a pesquisa buscou salientar a maneira como os professores percebiam a literatura infantil, fazendo um intercâmbio com a discussão apresentada por autores sobre a literatura infantil, destacando o direcionamento que os mesmos dão para a leitura e contação no seu trabalho docente, pautado na observação das práticas educativas, bem como até que ponto a intervenção do educador é necessária para o melhor aproveitamento dos momentos de fruição e atividades com a literatura, promovendo uma atividade significativa e até que ponto esta intervenção precisa ser revista e/ou reformulada, tendo a necessidade de discussões constantes. Sobre este tema.

Nas observações, pudemos observar que a literatura infantil está presente na sala de aula do CMEI em que realizamos a pesquisa e observação, mesmo que de formas diferenciadas. A leitura é mais frequente, enquanto a contação ainda não é uma prática que aconteça todos os dias, embora haja um trabalho na instituição voltado para este campo, conforme relato das educadoras.

As educadoras mostraram que possuem conhecimento na área da literatura infantil, mesmo que esse conhecimento não seja fundamentado teoricamente nos questionários respondidos, percebemos a forte presença do gênero dentro do CMEI.

Ficou constatado também, nas observações, que as educadoras reconhecem a importância da literatura para a educação infantil, especificamente para as faixas etárias trabalhadas, ponto enfatizado na pesquisa teórica e nas discussões propostas por diferentes autores que enfatizam a contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social das crianças, evidenciando suas potencialidades criadoras.

Além disso, há certo consenso ente as educadoras, em relação à escolha dos livros, aparecendo nomes importantes da literatura brasileira, já citados por autores relevantes que escrevem sobre a literatura infantil, conforme relatado na história da literatura brasileira do nosso TCC.

Através dos questionários respondidos e das informações coletadas, pudemos observar que as educadoras se preocupam em construir um conhecimento significativo para a vida da criança, com acesso às histórias, aguçando a imaginação, mesmo que com alguns limites e precauções como a falta de um maior acervo literário e/ou com um leque de opções mais diversificado e impedimento ao livre acesso e escolha dos livros.

Porém, considerando o referencial teórico e a amplitude e abrangência da literatura infantil para a vida da criança, podemos fazer a ressalva de que ainda é necessário existir mudanças na metodologia para melhor acolher e educar as mesmas. Essas transformações a serem realizadas não devem ficar restringidas somente no contexto da sala, mas sim abrangendo toda a equipe pedagógica e infraestrutura da instituição, com um trabalho de qualidade, para satisfazer todas as necessidades da criança.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5<sup>o</sup>. Edição. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BOTELHO, André. A pequena história da literatura brasileira: provocação ao modernismo. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 23, n. 2, p. 135-161, 2011. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n2/v23n2a06.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasília: **MEC**, 2004. Disponível em:< [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13596&Itemid=975](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13596&Itemid=975)>. Acesso em: 25 nov. 2013.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: editora Brasiliense. 5<sup>a</sup>. Edição, 1991.

\_\_\_\_\_. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Orgs.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008, p. 79-91 (Coleção Literatura e Educação).

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Santa Catarina**, v. 7, n. 1, p. 20-33, 2002. Disponível em:< <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/371/443>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

CARREGOSA, Márcia Cecília de Oliveira. A importância da literatura infantil para a aprendizagem significativa da criança. **Revista Letrando**, v. 1, jan./jun. 2012. Disponível em:< <http://revistas.ojs.es/index.php/letrando/article/view/v1a9>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

CHAVES, IduinaMont'Alverne. Imaginário e literatura infantil – imagens e simbolismos. **Educação**. Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 513-528, set./dez. 2009. Disponível em:<<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>> acesso em: 26 set. 2013.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10ª.edição. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil** – história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje). 2ª ed.. São Paulo: Ática, 1981.

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3ª. Edição. São Paulo: Quíron 1985.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

KIRCHOF, E. R.; Silveira, R. M. H. Contação de história: uma análise da escolha de histórias em um recorte de experiências gaúchas. **Conjectura: Filosofia e Educação**, v. 14, n. 2, p. 203 -214, mai./ago. 2009.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 2º. Edição. São Paulo: editora ática, 1985.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D. capítulo 2 – Abordagens qualitativas da pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de casa. In: LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.C.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 11-24.

MACIEL, F. I. P. Capítulo 1 – O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Orgs.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008, p. 07-21 (Coleção Literatura e Educação).

MANFERRARI, Marina. Histórias são naus que cruzam fronteiras. **Pro-Posições**, vol.22, n. 2, p. 51-62. mai./ago. 2011. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072011000200005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 25 nov. 2013.

MARTINS, Catarina Xavier Gonçalves. A literatura como brinquedo e a formação da criança-leitora. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v. 6, n. 2, p. 468-475, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>> acesso em 26 set. 2013.

MOURATO, Ana Martins, **O conto infantil como mediador e contendor ao longo do desenvolvimento**. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Leitura) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação, Lisboa, 2009. Disponível em:< <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/904>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

PAZ, Erica Rodrigues; MARIOTTI, Aurora Joly Penna; KNETSCH, Maira Ortiz. **Leitura na educação Infantil**. 23 out. 2006. Disponível em:<<http://unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/533.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Pedagógica Curricular. Pinhais: 2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Projeto Político Pedagógico. Pinhais: 2013.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Regimento Escolar. Pinhais: 2013.

Pontes, Verônica M. A; Azevedo, Fernando J. F. A criança e a literatura infantil: uma relação fantástica em sala de aula. CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 1, 2008, Braga, Portugal; **Infâncias Possíveis, Mundos Reais**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, 2008. Disponível em:<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8008>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

RIZZOLI, Maria Cristina. Leitura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália. IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2005, p.5-22.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, São Paulo, 2009. Disponível em: < <http://revista.univem.edu.br/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239>> Acesso em: 05/11/2013.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et alii. **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-48, 1999.

\_\_\_\_\_. Capítulo 2 - Livros para a educação infantil: a perspectiva editorial. In: PAIVA, A.; SOARES, M. (Orgs.). **Literatura Infantil**: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2008, p. 07-21 (Coleção Literatura e Educação).

SOMMER, Elfride. O gosto pela leitura através da contação de histórias. Curitiba, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1713-8.pdf>>, acesso em: 25 nov. 2013.

TURCHI, Maria Zaira. Tendências atuais da literatura infantil brasileira. São Paulo, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA\\_TURCHI.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/MARIA_TURCHI.pdf)>. Acesso em 04 nov. 2013.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **GT: Gênero, Sexualidade e Educação** / n.23. GEPPEA /UNIR. Agência Financiadora: CNPq - marlizibetti@yahoo.com.br. 2000.

## APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionário para educadoras e pedagogas.....	68
APÊNDICE 2 – Descrição das observações realizadas durante a pesquisa de campo.....	71

## APÊNDICE 1 – Questionário para educadoras e pedagogas

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR  
– DEPLAE**

Prezada Pedagoga,

Este é um questionário que será aplicado para obtenção de dados para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, cujo tema refere-se à literatura na educação infantil.

O preenchimento integral desse questionário é importante para uma maior discussão sobre o tema da presente pesquisa, que resultará no TCC.

O questionário é anônimo, em nenhum momento serão solicitados nomes, então, as informações serão totalmente sigilosas.

Agradecemos, desde já, pela participação.

Andressa Ferreira da Trindade e Elisangela Antunes Siqueira

Responsáveis pela realização do TCC

Professora Catarina Moro

Responsável pela orientação do TCC

---

1. Turma(s) que auxilia enquanto pedagoga:
2. Além da pedagogia, possui outros cursos?
3. Há quanto tempo trabalha com educação infantil?
4. Qual a sua opinião sobre o trabalho com literatura na educação infantil?
5. Em sua opinião a literatura infantil contribui para o desenvolvimento das crianças? Como?
6. Na função de pedagogo você tem alguma atuação em relação ao trabalho com literatura infantil? Como se dá essa atuação?
7. Para você existe diferenças entre leitura e contação de histórias? Qual a sua concepção sobre ambos?
8. Que tipos de materiais podem/devem ser utilizados na contação de histórias?

9. Como são realizadas as escolhas dos livros e/ou histórias? Que livros interessantes você conhece e fazem parte do acervo literário do CMEI?
10. Como é o acesso das crianças a esse acervo literário? O que você acha disso?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR  
– DEPLAE**

Prezada Educadora,

Este é um questionário que será aplicado para obtenção de dados para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná, cujo tema refere-se à literatura na educação infantil.

O preenchimento integral desse questionário é importante para uma maior discussão sobre o tema da presente pesquisa, que resultará no TCC.

O questionário é anônimo, em nenhum momento serão solicitados nomes, então, as informações serão totalmente sigilosas.

Agradecemos, desde já, pela participação.

Andressa Ferreira da Trindade e Elisangela Antunes Siqueira

Responsáveis pela realização do TCC

Profa Catarina Moro

Responsável pela orientação do TCC

---

1. Com qual faixa etária você trabalha?
2. Você trabalha com literatura infantil em sua sala?
3. Qual a sua opinião sobre a literatura na educação infantil?
4. Em sua opinião a literatura infantil contribui para o desenvolvimento das crianças? Como?
5. Para você existem diferenças entre leitura e contação de histórias? Qual a sua concepção sobre ambos?
6. Com que frequência e como você realiza a contação de histórias em sua sala?
7. Com que frequência e como você realiza a leitura de histórias em sua sala?
8. Para você o espaço interfere na leitura e na contação de histórias? Como?
9. Há um horário reservado para as histórias durante o dia?

10. Que tipos de materiais podem/devem ser utilizados na contação de histórias?
11. Como são realizadas as escolhas dos livros e/ou histórias? Que livros interessantes você conhece e fazem parte do acervo literário do CMEI?
12. Como é o acesso das crianças a esse acervo literário? O que você acha disso?
13. Quais são os livros mais utilizados?
14. Há livros que você julga interessantes que o CMEI não dispõem?

## APÊNDICE 2 – Descrição das observações realizadas durante a pesquisa de campo

### OBSERVAÇÃO DO DIA 02/09/2013

TURMA: MATERNAL II A

Número de educadoras: duas, e uma estagiária pela manhã por causa de uma criança de inclusão.

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação estavam presentes vinte e uma crianças.

A educadora pediu para as crianças sentarem no tapete, mas não havia informado por que teriam que sentar, apenas pediu para que se sentassem, algumas crianças resistiram e ela precisou coloca-las sentadas, enquanto a outra educadora observava sentada no tapete, sem dar muito auxílio, apenas chamando-os, mas sem levantar-se.

Após as crianças se acomodarem, a educadora se sentou em uma cadeirinha, na frente das crianças e cantou a seguinte canção:

“Atenção (três palmas),  
vai começar (três palmas),  
atenção (três palmas),  
já começou

(coloca o dedo indicador nos lábios, fazendo um pedido de silêncio).”

O livro escolhido para a leitura foi “Dia de folga do sapo”, da editora TODOLIVRO, não está disponível o nome do autor na obra. O livro chama muito a atenção das crianças por ser um livro que tem um fantoche embutido.

Começou mexendo com o fantoche, mudou a voz e interpretou o sapo, começou a conversar com as crianças como se fosse o próprio.

Algumas crianças que estavam mais dispersas foram se aproximando, mostrando interesse na história.

A educadora não ficava apenas lendo a história, ela interagia com o livro, como se estivesse conversando mesmo com o sapo, mudando a voz quando necessário.

Enquanto contava a história, também pedia ajuda das crianças, pedia para que falassem onde o sapo estava, o que ele estava fazendo, entre outras coisas.

Algumas crianças chegaram perto do livro, mas a educadora não interrompeu a história por causa disso, nem mesmo chamou a atenção dessas crianças, apenas deixou que tocassem o livro, e a criança, quando deu-se por satisfeita, foi sentar, sem causar tumulto naquele momento.

As crianças que começavam a se agitar no tapete, ela chamava a atenção de uma forma discreta, ela fazia a voz do sapo, interpretava com o fantoche, como se o sapo conversasse com a criança, assim ela voltava a se interessar na história.

A história não passou de três minutos. Ao terminar, perguntou para as crianças se queriam mais uma história, obteve resposta positiva, mas como algumas já estavam querendo se levantar, teve que apelar para outra estratégia de anúncio de história. Pediu para que as crianças mexessem na orelha, para limpar bem, para escutar melhor a história, então todos mexeram, até mesmo aqueles que estava se levantando, esses voltaram a sentar depois disso. Pediu para que chacoalhassem as mãos para frente para ficarem bem relaxados e preparados para a próxima história.

Utilizou o livro “As aventuras do macaco maluco”. O nome do autor não está disponível na obra. Esse livro também chama a atenção das crianças, pois os olhos do macaco podem ser mexidos com as mãos, é um livro brinquedo.

Iniciou a história mexendo com os olhos do macaco e falando que ele estava olhando para as crianças que estavam no tapete.

Contou a história sem maiores interpretações, somente mexendo o olho do macaco. As crianças mostraram interesse na história, mas, algumas começaram a alvoroçar-se, a educadora não conseguiu manter a atenção das crianças. Nesse momento ela usava menos os recursos da voz e técnicas de contação de histórias.

OBSERVAÇÃO DO DIA 09/09/2013

TURMA: MATERNAL III B

Número de educadoras: duas.

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação estavam presentes vinte e quatro crianças.

O momento da contação de histórias foi iniciado com a professora sentando no tapete com as crianças e pedindo que se sentassem em roda, pois aquele seria o momento da história. As crianças atenderam o seu pedido, sem demora.

A professora chamou a atenção de algumas crianças que ainda não haviam sentado. Quando todos estavam acomodados deu início a história.

A obra lida foi: “Agora não, Bernardo!”, do autor britânico David MeckKee, lançado pela editora Martins Fontes – WMF. O livro conta a história de uma criança que quer chamar a atenção de seus pais constantemente, mas, sem sucesso.

Conforme ia lendo a história, a professora ia utilizando a voz como instrumento. Algumas vezes falava bem baixinho e em outras falava mais alto, fazendo com que as crianças ficassem mais interessadas na história.

Conforme a professora lia o livro, também comentava as ilustrações. Algumas crianças interromperam a história para tentar perguntar alguma coisa, mas assim que a criança começava a falar, a professora logo o parava falando que depois que terminasse de ler poderiam conversar sobre a história.

A leitura durou aproximadamente dez minutos.

Quando terminaram, aconteceu o seguinte diálogo:

PROFESSORA: o que o Bernardo queria?

CRIANÇA 1: ele queria que o pai e a mãe dele brincassem com ele porque ele não tinha irmãozinho para brincar.

CRIANÇA 2: ele estava com medo do monstro, ele queria que o pai e mãe dele fossem matar o monstro.

PROFESSORA: mas por que o monstro comeu a comida, leu a revistinha, quebrou o brinquedo, tomou o leite e dormiu na cama do Bernardo?

CRIANÇA 1: eu acho que o monstro queria ser o Bernardo, por isso comeu ele pra ficar no lugar dele.

CRIANÇA 3: isso! O monstro queria ser o Bernardo, aí ele ia ter um pai e uma mãe, porque monstros não tem pai e mãe.

CRIANÇA 4: eu não tenho pai e não sou monstro!

PROFESSORA: não é mesmo! Não se preocupe que monstros podem ter pai e mãe sim. Mas então, vocês acham que os pais de Bernardo não viram que o Bernardo não estava mais lá e que o monstro estava no lugar dele?

CRIANÇA 5: eles não olharam pra ele, estavam com os olhos fechados.

PROFESSORA: os pais de vocês olham para vocês quando estão conversando? Eles conversam com vocês?

CRIANÇA 3: o meu conversa!

(Todas as crianças começaram a falar que os pais eram atenciosos, mesmo que a professora soubesse que a realidade é outra).

PROFESSORA: já conversamos bastante né? Peguem brinquedos.

OBSERVAÇÃO DO DIA 16/09/2013

TURMA: MATERNAL II B

Número de educadoras: duas

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação, todas as crianças estavam presentes.

A educadora iniciou pedindo que as crianças fossem para o cantinho da leitura (um espaço na sala em que os livros ficam e as crianças podem ter contato com os mesmos, além de ser ali o espaço dedicado à leitura e contação de histórias).

As crianças dirigiram-se para lá, quatro crianças começaram a virar cambalhotas no tapete, tumultuando um pouco a sala. A outra educadora foi até o tapete e conduziu as crianças para o cantinho da leitura.

Começou a conversar antes de contar a história. Falou para as crianças as “regras” do momento da história:

EDUCADORA: pode conversar na hora da história?

CRIANÇAS: NÃO!

EDUCADORA: pode bater no colega?

CRIANÇAS: NÃO!

EDUCADORA: como é que tem que sentar para ouvir a história?

CRIANÇAS: PERNA DE ÍNDIO!

EDUCADORA: e a boquinha?

CRIANÇAS: FECHADA!

Feito isso, a educadora deu início a história. O livro escolhido foi “o bichinho da maçã” de Ziraldo, editora Melhoramentos. A livro conta a história de um bichinho que vivia dentro de uma maçã e adorava contar histórias, um dia ele quase foi

comido, mas quando a pessoa viu que tinha bicho desistiu de comer a fruta. Ziraldo traz o humor para a história, ele diz que foi o próprio bicho da maçã que contou para ele o que havia acontecido.

OBSERVAÇÃO DO DIA 23/09/2013

TURMA: MATERNAL II C

Número de educadoras: duas

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação, todas as crianças estavam presentes.

A educadora perguntou para as crianças se queriam ouvir uma história, a resposta foi positiva, então pediu que guardassem os brinquedos rapidamente, caso contrário, não teria história. Usou a história como um objeto de troca “se ficarem quietos eu conto a história”.

Uma das educadoras sentou-se em uma cadeira ao lado do tapete esperando pelas crianças, enquanto a outra ficou chamando as crianças para sentarem, tendo que sair atrás dos mesmos.

Quando as crianças estavam acomodadas, a professora iniciou a história: “Tem bicho no circo”, do autor Ziraldo, pela editora Melhoramentos. O livro mostra as aventuras do bicho de maçã que mostra os animais que tinham no circo e a sua vontade de ser um bicho de circo também.

A história foi contada de maneira dinâmica, conforme um animal ia aparecendo na história, as crianças iam imitando seus barulhos, e características, a educadora também participava desse momento.

As crianças mostraram-se bastante interessadas na história, enquanto a educadora contava a história, não houveram interrupções. As crianças estavam bastante envolvidas, participando nos momentos propícios.

Terminou perguntando se as crianças tinham gostado da história, todas responderam que sim.

OBSERVAÇÃO DO DIA 30/09/2013

TURMA: MATERNAL III A

Número de educadoras: duas

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação, todas as crianças estavam presentes.

A educadora realizou um momento diferente para contar a história, montou uma cabaninha e pediu para as crianças entrarem dentro para participar de muitas aventuras. As crianças, rapidamente entraram na cabana, e a professora falou:

PROFESSORA: Vocês estão preparados para uma aventura?

CRIANÇAS: SIIIIIM!

PROFESSORA: Então vou contar uma história muito legal pra vocês!

O nome da história que a educadora contou é: “O barulho do fantasma” de Sonia Junqueira, pela editora Ática. A história é interessante pois fala do medo do menino ao ouvir um barulho suspeito em casa. As crianças gostaram muito, ainda mais pela atmosfera de suspense que a professora utilizou com a cabaninha.

A educadora contou a história usando uma lanterna, embaixo do lençol utilizado para fazer a cabana estava um pouco escuro pois a outra educadora ainda apagou a luz e fechou as cortinas, para ajudar, o dia estava um pouco nublado.

As crianças ficaram vidradas na história, ficaram envolvidos com o ambiente que as educadoras criaram, e enquanto uma das educadoras contava a história, a outra fazia alguns sons como o barulho de um fantasma, e o barulho que o robô esqueleto reproduzia na história.

Algumas crianças demonstraram medo na história, fazendo caras de assustadas, perguntando para a professora se fantasma existia, enfim, mas a professora soube responder todas as questões que as crianças trouxeram, ela explicou para as crianças que tudo não passava de uma histórias, que fantasmas não existiam, e que até no final da história mostrou que era apenas um brinquedo que estava assustando o menino.

Ao terminar a história, a professora perguntou se as crianças haviam gostado da história, uma delas respondeu que ficou com medo, a professora disse que não havia a necessidade de ficar com medo, pois é apenas uma história.

As educadoras ainda permitiram que as crianças ficassem na cabaninha e disponibilizou outros livros para as crianças verem.

OBSERVAÇÃO DO DIA 07/10/2013

TURMA: MATERNAL III C

Número de educadoras: duas

Número de crianças: vinte e seis. No dia da observação, vinte e uma crianças estavam presentes.

O momento da história foi iniciado com uma das educadoras falando que ia contar uma história muito legal naquele momento, mas que iria precisar da ajuda das crianças. Primeiro pediu para organizarem a sala, guardarem os brinquedos, e sentarem no tapete, as crianças demoraram um pouco para conseguir fazer tudo, mas terminaram e rapidamente sentaram no tapete, local onde as educadoras costumam contar a história.

A história escolhida foi “A lebre e a tartaruga”. O livro disponível no CMEI com essa fábula é escrito por Dulcy Grisolia, pela editora FTD. Mas a educadora não utilizou o livro nesse momento.

Na sala da turma, há um baú em formato de tartaruga, no qual as crianças guardam as peças de montar. A educadora utilizou esse baú para contar a história, ela colocou uma tiara com orelhas para ser a lebre e o baú foi usado como a personagem tartaruga.

Organizou as crianças em duas torcidas, uma torcida pela lebre e outra pela tartaruga. E, então, começou a contar a história.

A cada passo em que davam, tanto lebre, quanto tartaruga, mais vibrantes as crianças ficavam com a história. A torcida funcionava muito bem, no momento da corrida as crianças faziam coro para torcer por seu favorito.

Ao final da história, as crianças aplaudiram em pé e até um pódio fizeram para coroar a vencedora.

Quando as crianças se acalmaram novamente e sentaram no tapete, a educadora conversou rapidamente com as crianças:

PROFESSORA: Vocês gostaram da história?

CRIANÇAS: SIM!

PROFESSORA: Por que a tartaruga ganhou?

CRIANÇA 1: Por que ela era mais rápida que a lebre.

PROFESSORA: Será que ela era mais rápida mesmo?

CRIANÇA 2: Não! Ela aproveitou que a lebre dormiu e passou na frente.

PROFESSORA: Mas se ela não era mais rápida, como ela conseguiu passar na frente?

CRIANÇA 3: Ué, a lebre dormiu muito, deu tempo da tartaruga passar na frente e ganhar a corrida.

PROFESSORA: Eita lebre dorminhoca!

CRIANÇAS: Você que era a lebre!

PROFESSORA: Não! Naquela hora eu era a lebre, eu estava fazendo um teatro, eu era uma personagem do teatro. Eu estava representando. Quando vocês assistem um filme, as pessoas do filme estão representando, elas não são aquelas pessoas de verdade. Eles são atores e atrizes, é tudo de mentirinha.

CRIANÇA 4: Na novela também? Minha mãe assiste a novela.

PROFESSORA: Na novela também! Amanhã a gente conversa sobre o teatro, pode ser?

CRIANÇAS: PODE!!!

PROFESSORA: Agora o que vocês acham de irmos lá fora e brincar de lebre e tartaruga? Podemos fazer uma corrida também! Vocês querem?

CRIANÇAS: OBAAAAAÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁ, SIIIIIM!

Nesse momento as crianças foram para o espaço externo, onde brincaram de correr e apostaram uma corrida.

#### OBSERVAÇÃO DO DIA 14/10/2013

TURMA: PRÉ I A

Número de educadoras: duas

Número de crianças: vinte e oito. No dia da observação, vinte e sete crianças estavam presentes.

A professora iniciou o momento da história questionando os alunos sobre qual histórias queriam ouvir. As crianças escolheram uma história que a educadora sempre contava. Um livro da sala mesmo, a obra escolhida pelas crianças foi: “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado” de Don e Audrey Wood, pela editora Brinque-Book.

A obra é muito rica, tanto em ilustrações, quanto no texto, as crianças adoram a história, fazem os sons do urso aproximando-se, cheirando, enfim, os efeitos sonoros da história ficaram por conta das crianças.

A história é divertida, mostra um ratinho que quer muito comer um morango, ele vai colher o morango, mas o narrador o interrompe avisando da existência de um grande urso esfomeado que adora comer morangos, o ratinho fica apavorado, então, de todas as maneiras ele tenta esconder o morango do urso, até que o narrador dá uma ideia para o ratinho: ele pede que corte o morango no meio e divida o morango com ele. Nesse momento, a educadora “divide” o morango com as crianças, deixando que uma por uma brinque que está pegando um pedaço do morango para comer.

A educadora não usou de técnicas para contar a história, tão pouco a voz, não dava entonação e contava no mesmo ritmo, até o final. Durante a história, as crianças não comentaram nada, mas quando acabou, que eles puderam “provar” o morango, as crianças começaram a conversar sobre o quão gostoso estava o morango, mas a educadora podou a conversa pedindo que todos ficassem em silêncio para cantar a música do ratinho. Depois da música as crianças foram para o parque.